O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 3 DE OUTUBRO DE 1909 | N.º 1:328

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Escreve-nos do Porto um amigo, que, longe de ser um reaccionario, é um espirito liberal, e profundamente liberal:

Ao lêr hoje o seu artigo *Factos e Criticas* reparei que o jornal d'onde é transcripta a noticia que lhe serve de thema não chama a attenção para um facto que me revoltou ao vêr aqui no Porto exhibida a artista em questão. Ser-me-hia muito agradavel até que a pateada á bandeira portugueza que aqui foi apresentada a publico tivesse motivo no que me indignou e que eu acharia, então, justificadissima.

Imagine que ás armas reaes que existem na bandeira portugueza tiraram os artistas (que creio serem francezes) a corôa real, para assim agradarem mais á jacobinagem amena.

Estou convencido que tanto aqui, como em Coimbra e Lisboa passou essa mutilação despercebida aos espectadores que se costumam manifestar nos circos ás exhibições patrioticas, mas a verdade é que me revoltou a observação de que os proprios estrangeiros no nosso paiz, onde se reclama tanta liberdade, tenham a liberdade de publicamente commetterem d'estes abusos. Fosse n'outro paiz e *outro gallo lhes cantára!*

Pois se as armas reaes portuguezas são assim, só contando com a ignorancia d'um povo como o nosso se pode praticar e consentir a mutilação do symbolo da patria, que aos estrangeiros só deve merecer muito respeito e veneração.

Que se atreva alguem a fazer coisa identica á bandeira franceza ou á d'outra qualquer nacionalidade em terras d'esses paizes....

Devo dizer-lhe que no Porto, nos dois espectaculos a que assisti, tanto foi applaudida a bandeira franceza como a portugueza, o que nos consola de vêr que as influencias do Padua, do Henrique Cardoso e do Alfredo de Magalhães, não conseguiram fazer d'este povo tripeiro o que se está vendo dos outros.

Mas lá chegarão se o meu amigo os poupar nas suas semanaes zurzidellas, e portanto força—como diz no «Povo d'Aveiro». *Porrada e agua á jarra!*

Tem razão, muita razão, nos reparos que faz e na indignação que manifesta. Não ha a menor desculpa para as auctoridades que toleram abusos, insultos melhor diremos, de tal ordem. Isto tudo, repetimos, tornamos a dizel-o, está pedindo... muita tapona.

Ponhamos de parte a idiotía. De uma vez para sempre. Nós não somos liberaes a permittir todas essas poucas vergonhas. Nós não somos tolerantes a assistir de braços cruzados a todos esses attentados. Nós somos simplesmente idiotas.

Simplesmente!

Nós somos alvo da zombaria, do escarneo de todos os extrangeiros que, por obrigação ou recreio, nos visitam. Quando muito, inspiramos-lhe piedade. Não ha nenhum escriptor extrangeiro que, pelo menos, não fale de nós com ar protector. Por melhor que diga de nós, e os que dizem bem de nós são poucos, ha no fundo das suas palavras o que quer que é de protecção, de superioridade que bastaría, se tivessemos consciencia da nossa dignidade, para offender o nosso orgulho. Mas não temos nenhuma. Não vem ahi fiel patife de extrangeiro deante do qual não nos acocoremos n'uma adoração pelintra, n'uma submissão ignobil. Um palhaço, que seja. Uma meretriz. Guindamos logo o palhaço ás alturas de grande artista e a meretriz ás alturas de grande virtude. Ao mesmo tempo que rebaixamos até á lama o pouco que tivermos, entre nós, de virtuoso ou artistico.

Só faz isto um homem ou um povo de acanhada intelligencia. Ou com absoluta falta de senso. Que outra coisa não é que falta d'intelligencia a falta de senso. Pois que é? Faculdades complexas e varias reune a intelligencia. E, naturalmente, só é completa a que as reune todas.

Nós temos uma absoluta falta de senso. A qual, conhecendo-se em muita coisa, se conhece particularmente nas relações com o extrangeiro.

Somos um povo atrazado, não ha duvida nenhuma. Como povo atrazado, convinha-nos e convem-nos apprender com os povos cultos. Mas apprender com o extrangeiro nem é imitar a trouxe-mouche o extrangeiro, nem, rebaixando o que é nacional, exaltar doidamente o extrangeiro.

Essa obra de desnacionalisação, devida sobretudo ás classes dirigentes, e em especial ao litterato, ao jornalista e ao politico, a trindade malefica, damninha, d'esta terra, é a coisa mais estupida que eu tenho visto.

Sim, admiremos o que ha de bom no extrangeiro. Mas sem perdermos a nossa estructura. Admiremos o que ha de bom no extrangeiro e copiemos o que ha de bom no extrangeiro, mas sem nos esquecermos, nunca, de que ha coisas boas no extrangeiro que hão de ser necessariamente más em Portugal. Mas sem nos esquecermos de que nós só podemos copiar adaptando, e nunca *copiar copiando*. Nós temos o nosso meio. Esse é differente, porque é differente a composição do nosso solo e do nosso ambiente. Porque é differente o nosso sol e a nossa atmosphera. Porque n'este sol, n'esta atmosphera, n'este terreno se crearam organismos que não podem de forma alguma ser eguaes, precisamente eguaes áquelles que se crearam a cem, a duzentas, ou a mil leguas de distancia. Porque a differença de lattitude, com tudo quanto lhe anda inherente, porque a differença de raça, nos deu outras necessidades, outras aspirações, outros costumes. E se de tudo isso resultaram para nós qualidades peores que as qualidades d'outros povos, tambem nos resultaram qualidades superiores. Emfim, nós temos a nossa individualidade, o nosso typo. Que nos caracterisa, que nos recommenda. No dia em que o apagarmos... ficamos uns macacos, objecto de mofa e desprezo.

Quem tem bom senso, vae buscar fóra o que não tem, mas conserva o que tem. Se uma terra dá trigo e não dá milho, semeia trigo, não semeia milho, porque o milho seja mais bonito, mais da moda, ou vice-versa. Semeia trigo, ou vae procurar outra cultura que n'aquelle terreno ou n'aquelle meio se dê tão bem como o trigo. Mas em caso nenhum perde o trigo... e o milho. O trigo, porque se não semeia para semear milho, e o milho porque não se dá onde o trigo se dava perfeitamente.

Portugal não tem feito senão isto. Portugal tem deitado fóra e deita quanto tem de bom e certo, para ir buscar o hypothetico e o incerto. Mais: para ir buscar aquillo que o seu meio, vê-se logo á priori, o seu meio e a sua educação não admittem.

Cultivar as nossas qualidades, sim. Melhorar o nosso meio, sim. Reforçar a nossa estructura, sensatamente, sabiamente, sim. Essa deveria ter sido a obra, o cuidado, o meticuloso cuidado, dos nossos legisladores, dos nossos jornalistas, dos homens, emfim, que constituem a camada directiva. Mas copiar a esmo, e deformar com essa copia servil uma selvatica, mas nobre e pujante natureza, mas esterilisar as nossas fontes de riqueza, mas paralysar, em vez de aperfeiçoar e desenvolver, as nossas forças productivas, mas cuspir sobre todas as tradições e glorias d'esta terra, para passar a vida a reverenciar as tradições e a exaltar as glorias alheias, só podia ser obra de grande insania ou de rematada estupidez.

E, comtudo, essa foi, essa tem sido a obra portugueza.

Aqui não ha nada são. E se nós queremos viver temos de ir ao são, á verdade, á natureza. Não cessaremos de o dizer. Aqui não ha nada são. Esse mesmo patriotismo que esbravejou no ultimatum, e que ainda agora quiz esbravejar de novo na questão de Lourenço Marques, é uma grosseira hypocrisia.

Uma grosseira hypocrisia nas camadas dirigentes. Uma manifestação da eterna inconsciencia que caracterisa em tudo este povo, e que resulta da sua extraordinaria incultura, do seu atrazo moral e intellectual, nas camadas profundas da nação.

Houve, não ha nega-lo, gente sincera, ha sempre, n'esses movimentos. Mas a maioria, a enorme maioria tem e teve constantemente por fim exclusivo explorar os embaraços momentaneos da monarchia. E' uma obra toda ella de especulação politica. Se os partidos monarchicos, como o partido republicano, houvessem sido movidos pelo bem da patria, é evidente que a patria não estaria n'este estado.

E' uma obra toda ella de especulação politica, mas de estupida especulação politica, como ainda o revela esse caso da bandeira. D'estupida especulação politica. Applaude-se a bandeira franceza porque é a bandeira... da republica. Pateia-se a bandeira portugueza porque é... a bandeira da monarchia. Quer dizer, a patria é aqui uma questão inteiramente secundaria. A questão primacial é a... questão politica.

Peores que os anarchistas. Estes bandalhos *republicanos* estão peores que os anarchistas. Os anarchistas comprehendem-se. Não teem patrias, não teem symbolos. Nenhuma patria, nenhum symbolo. Os anarchistas sinceros, é claro. Pode-se ser doido e ter sinceridade e logica na doidice. Os anarchistas sinceros. Já dissemos que a maior parte dos que se dizem anarchistas são em Portugal verdadeira escumalha demagogica trabalhando por conta da republica.

Os anarchistas comprehendem-se. Mas os republicanos?

Então eu vou rasgar o retrato de meu pae porque meu pae era monarchico? Então eu vou cuspir no retrato de minha mãe porque minha mãe era catholica apostolica romana?

Então eu vou dízer a um francez: "Você, sim, você tem um pae digno, porque é republicano; o meu, que é monarchico, é um pulha?„

Nem o faz um anarchista, se é um anarchista intelligente. Não o faz ninguem. Só uma besta.

Não ha paridade, dir-se-ha, entre os casos em confronto. Ha tal. Ha toda a paridade, toda a semelhança. São analogos. Fundem-se n'um só. Integram-se um no outro.

Pois porque existiu a monarchia, senão porque meu pae e os paes dos outros quizeram que ella existisse? Quem foi o auctor da monarchia, senão elle, senão elles? Elles foram os auctores da monarchia constitucional, os que foram constitucionaes, porque muitos e muitos d'elles foram miguelistas. Elles foram os auctores da monarchia liberal. Como nossos avós foram os auctores da monarchia absoluta. Era má, a monarchia absoluta? E' má, hoje! Era má, a monarchia liberal? A maioria do paiz, que a conserva, diz ainda que é boa. Mas se é má, é má hoje! Para ser em tudo, em tudo, estupida, bestialmente estupida, a obra do partido republicano em Portugal, até n'essa mania de apagar a tradição. A tradição? A evolução. Elle chega a revoltar-se contra a obra da evolução! Estupida, bestial, repugnante demagogia!

Eu posso dizer a meu pae, sem o offender e sem me offender a mim: "Deixe-me aperfeiçoar a sua obra, meu pae. O que era bom no seu tempo, não o é no meu. O tempo tudo altera, tudo modifica. Cria outros meios, outras circumstancias, outras necessidades, a que teem de corresponder outras leis e outras instituições. O meu pae trabalhou sinceramente na obra da monarchia e a obra da monarchia se não foi inteiramente boa, se deixou mesmo, em absoluto, muito a desejar, foi o que podia ser, dados os tempos, os homens que existiam, e as circumstancias. Mas, agora, eu quero experimentar a republica, porque estou convencido de que a republica é o unico regimen compativel com o grau em que se encontra actualmente a civilisação„. E meu pae pode discordar. Pode não ter a minha esperança ou a minha convicção. Mas, evidentemente, não se julga offendido. Se, porem, eu lhe disser: "Você foi um pulha e indecente toda a obra que você fez; mette-me nojo a sua obra; repudio a sua obra como indigna e repudio-o a você„ elle tem toda a razão para me correr a pontapés.

E' boa! Meu pae foi fidalgo. Como fidalgo viveu e me creou. Como fidalgo, tinha o seu brazão de fidalgo. Como fidalgo constituiu a sua casa, ordenou a sua fortuna. Então eu, morto meu pae, uso-lhe o nome, goso-lhe a fortuna, mas vou picar em todas as suas casas o brazão, mutila-lo, ou volta-lo de baixo para cima? Não, que o indigno era eu. Não, que o pulha era eu. Eu não uso o brazão, sendo democrata. Não uso o titulo, se o meu rigor de democracia chega a isso. Não timbro os meus papeis, os meus moveis, as frontarias das casas novas que mando fazer. Mas não só não destruo os timbres mandados collocar por meus paes e meus avós, como corro a chicote um mariola que eu tope a affronta-los ou destrui-los.

E' o que me impõe a razão. E' o que me impõe a consciencia. E' o que me impõe a minha propria dignidade, o respeito de mim mesmo.

O que representa essa bandeira, que a demagogia estupida cospe nas ruas e pateia nos theatros? Representa o meu patrimonio, o meu nome, as minhas tradições. Com ella se fundou esta patria, esta terra que eu piso. Com ella se formou este ambiente, esta atmosphera que eu respiro. Com ella se constituiu esta historia, que me dá logar honroso entre os outros povos do mundo. Com ella se conquistou a Africa, a Asia, parte da America, a Oceania. Conquistou e civilisou. Com ella se abriu caminho a outros que foram atraz de nós continuar, alargar, profundar a civilisação. Com ella se teceram estes pergaminhos, estes loiros com que incha a minha vaidade e se enfunam as velas do meu orgulho patriotico. E' má? Mas não foi tão má que não conseguisse tudo isso. Repudio-a? Enxovalho-a? Mas repudio-me a mim proprio! Mas tiro todo o motivo á minha existencia! Apagado aquillo que ella representa, o que me resta?

Está velha? Está desbotada? D'accordo que eu faça outra nova e que lhe dê outra côr, outro feitio, outra fórma. Mas injuria-la, mas cuspi-la porque desbotou, porque está velha... já não é pulhice, é insania, é loucura, e loucura completa.

Eu dou dois pontapés em quem me deu o ser, porque se tornou inutil com o tempo? Porque me embaraça a herança da fortuna?

Não é pulhice. E' crime. Mas crime de loucura. E' doidice. E doidice varrida. Loucura completa.

Os extrangeiros teem razão para nos olharem com desprezo, uns, para nos mostrarem, outros, a sua piedade.

Não ha solução de continuidade na vida social. Como querem os republicanos passar um borrão por cima da historia do nosso periodo constitucional? Depois, porque não deu o constitucionalismo os resultados desejados? Evidentemente, porque a nação não estava preparada para elle. Se o estivesse, bem importavam as intrigas dynasticas! Seriam vencidas, como o foram na Inglaterra, na Allemanha, em todos os povos que com elle progrediram, que com elle se civilisaram. Mas, se o constitucionalismo não deu até hoje resultados porque a nação não estava preparada, como os ha de dar a republica, que é um regimen constitucional?

Um desvairamento, uma crassa estupidez, tão crassa que chega a causar afflicção.

Destruir todo o passado, todas as tradições, que tem sido a obra do partido republicano em especial, e de toda a cambada dirigente em geral, tem sido destruir todos os marcos, todos os pontos de referencia, d'orientação e apoio, todos os pharoes, todos os elementos de estimulo, de coragem, de consolação e conforto, no caminho aspero e difficil, como todos os caminhos da vida, da nossa existencia nacional.

Seja como fôr, é indispensavel obrigar esses saltimbancos de feira, que para ahi veem da extranja, a ter mais respeito por esta terra, e a canalha demagogica a ter mais respeito por si propria.

Se não fôr a bem, que seja a mal.

Valentaços

Uma vez o valentaço Arthur Leitão ameaçou-nos com o *bico da bota*. Mas d'uma forma positiva. Cathegorica. «D'esta vez vae assim, dizia elle. Para a outra vez vae com o *bico da bota*.» E accrescentava, como se já nos tivesse batido ou dado com o bico da bota, *que nós já sabiamos como elle costumava cumprir as suas promesas*.

Rsspondemos-lhe, estavamos nós em Lisboa, como...costumamos responder a todo o mundo. E esperámos o homem. E' claro que não podiamos imrginar, nem ninguem, que o homem, demais a mais um valentão de metter medo, não nos procurasse para *cumprir a promessa*, para nos dar com o *bico da bota*. Pois senhores... até hoje!

Agora, com Baracho, a mesma coisa. Outro valentão. E tambem esperávamos, escusamos de o affirmar muito porque toda a gente o esperaria no nosso caso, que elle viesse com um *chicote* por ahi abaixo. Ou por ahi acima. *A ordem dos factores é arbitraria*. Pois, senhores... nada.

Ora bolas!

Tudo isto...porque somos um *desqualificado*.

Mas n'um *desqualificado* é permittido dar com *um chicote*. Mas n'um *desqualificado* é permittido dar com o *bico da bota*, principalmente quando se lhe responde ou se lhe promette. E Baracho respondeu. *Deu-nos essa importancia*. Em quatro artiguinhos do *immundo*, nada menos. E Arthur Leitão prometteu.

Ora bolas, ora bolas!

Desenganem-se: quem ha de liquidar a *valentia* nacional havemos de ser nós, um *covardo!*

Desenganem-se!

Tribuna

Com a instrucção technica, ou profissional, ha tanto cuidado na Allemanha como com a instrucção geral. Que mesmo esta nunca perde o seu caracter pratico.

Ora vejamos o que sobre esse ponto nos diz Jules Huret:

Nous étions au mois de mars, les élèves de la première classe allaient quitter l'école dans quelques semaines. Et le professeur s'appliquait, avant leur départ, á leur donner des notions de vie pratique. Il les interrogeait sur la profession qu'ils allaient embrasser.

— Vous lisez dans un journal, leur disait-il, que le grand-duc veut construire un bâtiment pour un service public, et qu'on va lancer une adjudication. Que faites-vous, si vous êtes entrepreneur de maçonnerie, de menuiserie, de serrurerie ou de charpante? Et, d'abord, qu'est-ce qu'une adjudication?

Pendant une demi-heure, il leur expliqua, en termes d'une clarté enfantine, le mécanisme de l'adjudication, la forme des soumissions, la façon de les calculer en ayant soin de ne rien négliger: frais généraux, intérêt des sommes avancées, salaires, valeur des matériaux, frais de transport, imprévu, bénéfice raisonnable, le plus réduit possible si l'on tien à enlever l'affaire, etc.

De là, il passa à la géographie des produits: dans la contrée, où trouve-t-on les pierres, le bois, le fer? Quel est le prix moyen de ces matières? A-t-on bénéfice à les acheter ici, où seul passe le chemin de fer, ou bien à l'endroit où passe un canal? Vaut-il mieux payer comptant? Quel escompte vous fera-t-on? Calculez mentalement le bénéfice que vous en tirerez...

Cette méthode devient plus visible encore dans les cours d'adultes (*fortbildungschulen*).

L'initiative du maître consiste à choisir parmi les matières à enseigner celles qui seront le plus utiles à chaque classe.

Une de ces classes était suivie par vingt-six tailleurs et cordonniers, car chaque catégorie professionnelle étudie séparément, ou bien on les classes par analogie de profession. Pendant ma visite, les interrogations roulaient sur le prix du cuir, sur les différentes opérations du tannage, le tannage chimique, les instruments et les produits qui y servent, la différence entre le travail des usines et l'atelier privé. Les tailleurs devaient apprendre le prix de la balle de coton ou de laine, du mètre d'étoffe fabriqué, les époques préférables pour les achats, les crises, leurs raisons, la fabrication, la filature, le tissage, la teinturerie, les impressions d'étoffes, la variabilité des salaires, les grèves, les syndicats.

Puis le maître les interrogea sur l'influence de la paix dans la prospérité commerciale, l'utilité de l'instruction et des écoles.

Les élèves répondaient comme s'ils étaient déjà très avertis de ces choses. Visiblement ils s'y intéressaient, apprennaient avec un grand plaisir.

Un apprenti tapissier saura dès l'école l'usage des divers outils de sa profession, l'origine et l'histoire des produits dont il aura à faire usage: crin, cuir, laine, fils, lacets, clous, colle, varech, plume, duvet, ressorts. Comment se fabrique un tapis? Comment produit-on le linoléum, la toile cirée, les tapisseries? Comment faut-il assortir les papiers de tenture et les bordures? De quelle façon reconnaîtra-t-on le bon teint des teintures et le mauvais teint?

Je passe par-dessus l'histoire des métiers et corporation, l'histoire de l'art et de l'ameublement, l'usage des différents bois, locaux ou exotiques, sur la composition des devis, etc., etc.

Les maçons, plafonneurs, couvreurs, paveurs, vernisseurs, ont aussi leur classe à part.

Aux coiffeurs, le maître enseignera les conditions hygiéniques de la boutique dans laquelle ils travaillent; il justifiera leur manière de s'habiller, la propreté spéciale qu'on exige d'eux. Il expliquera la fabrication du savon, de l'huile, des parfums, des teintures; il parlera de l'hygiène du corps humain, de la peau en particulier, des cheveux, des poils et des ongles. Quelles sont les maladies des cheveux? Comment les découvrir et les guérir? Sur des tableaux de papier mâché, il leur montre grossis mille fois des cheveux et des parcelles de peau humaine. Comment désinfecter les ciseaux, les rasoirs et les mains?

Dans les classes d'adultes suivies par les commis de magasin et les employés de bureau, la correspondance commerciale et la comptabilité sont enseignées, et toujours par le même système analytique et déductif. On commence par le vocabulaire commerciale, les règles ordinaires du style, démontrées *verbalement* et *pratiquement*, puis on passe aux exercices écrits indispensables ici, aux comptes, aux factures, mandats, lettres chargées, réclamations de toutes sortes, etc., etc. La deuxième année, les études sont les mêmes, un peu plus compliquées. En troisième et dernière année, on arrive aux comptes de banque, aux traites protestées, demandes de places, pétitions, tenues des livres en partie double, etc.

— Ce que nous recherchons en arithmétique, par exemple, me dit le maître mayençais qui m'explique tout cela, c'est la sûreté et la rapidité dans l'exécution des comptes, le calcul mental des pourcentages, des escomptes, des poids bruts et des tares, des droits d'entrées et de change.

Devant moi, il pose des problèmes assez compliqués de calcul mental, presque instantanément résolus par les élèves.

Mais ce n'est pas tout. Ils doivent aussi apprendre à se servir rapidement des horaires de chemin de fer, à lire les tarifs de transport et à connaître le Code de commerce allemand, les droits e les devoirs des apprentis e des em-

ployés, des contremaîtres; ils n'ignorent pas l'utilité des bureaux de renseignements secrets, les formalités des saisies et des faillites, que sais-je encore?

A ceux qui n'ont pas de métier spécial, ou qui n'exercent que des métiers de peu de durée, une classe particulière est réservée. Les manœuvres, les garçons d'hôtel, les employés temporaires apprennent l'histoire de leur pays, de la ville qu'ils habitent, de ses ressources, de ses industries e de ses commerces. On leur enseigne aussi à ècrire des lettres, des réclamations, à calculer leurs comptes rapidement et mentalement. Ils sauront le fonctionnement des caisses d'épargne et des assurances ouvrières, l'existence des sociétés coopératives, des syndicats, des *Vereines* de toute sorte.

Et, d'un bout à l'autre des cours, toujours l'enseignement verbal exclusif, toujours ce système de demandes et de réponses, aucun livre, aucun cahier sur les tables.

Ces grands garçons de seize et de dix-sept ans sont sages et attentifs, disciplinés et obéissants. Comme les petits, ils se lèvent pour répondre aux interrogations du professeur. Et j'ai déjà dit que s'ils ne fréquentent pas régulièrement les cours, on les punit d'amendes et de retenues du dimanche!

Dantas...

Na sexta feira, 24 de setembro, quando já compostos os dois pequenos artigos com que no domingo respondemos aos furibundos ataques de Dantas Baracho, dizia este, no *Cornetim da Margarida*:

" A nenhum homem de honra é licito enviar ou acceitar cartel de desafio de um desqualificado. Pode, porem, para obter a reparação que lhe seja devida, endossar o aggravo que lhe for feito aos instigantes, e até aos consentidores da abjecta acção do irresponsavel testa de ferro, ou a um d'elles unicamente.

Esta é a boa doutrina.„

Ridiculo, o paspalhão! De resto, isto comparado com a farronca dos artiguelhos anteriores, era já uma retirada.

Na terça feira, 28, Dantas, como unica resposta ao *Povo de Aveiro* de domingo, 26, mettia isto, quasi a medo, como que ás escondidas, no *Cornetim da Margarida*, sob o titulo *Endosse*, ao lado do expediente da cloaca:

"Em conformidade com a declaração exarada no *Mundo*, de 24 do corrente, sob a epigraphe — *Precisando*, foi hontem dado cumprimento á doutrina alli sustentada.

E por aqui nos quedamos.„

Acaba por se afundar no ridiculo, não tenham duvida, o diabo do homem.

Mas a quem iria elle endossar o aggravo, o paspalhão?

O paspalhão! A fingir que nos considera instrumento dos outros, o paspalhão! A fingir! Como se em vinte e nove annos de vida jornalistica nós não tivessemos mostrado bem o que somos! Como se não visse todo o mundo, pelo nosso passado de lucta, de continuo combate, que *nunca ninguem teve sobre nós a menor influencia para nos levar a escrever d'este ou d'aquelle modo!*

O paspalhão!

Eis a que vae ter um valente, quando lhe dão a serio nas ventas para traz!

Mas acautele-se com elle algum pobre diabo. Os valentaços são todos os mesmos: vae pagar por nós algum pobre diabo! Victima innocente!

O homem fica ancioso por mostrar que *não deixou* de ser um valente, um valentão, um valentaço.

Ancioso!

Elle quer lá que deixem de o ter na conta de valentaço!

Ha de fazer todo o possivel por demonstrar que é, foi e ha de ser valentaço. Todo o possivel. Acautele-se com elle algum pobre diabo!

Tambem fica sabendo a monarchia, *de quem somos agente*, que é agora, só agora, que o homem se resolveu a montar a burra revolucionaria. Até aqui elle só ia para a revolução... na manhã da revolução rebentar. Nós prestámos ao partido republicano, vá lá mais esse, o grande serviço de lhe dar um general... desde já. Um general *sem ser reformado*. Generaes reformados já lá não faltavam.

Agora, sim. Com o *endosse*, o homem passa a conspirar. Não se declara republicano, isso não. Não, que declarar-se republicano... era má tactica. Os Bayards cá em Portugal... são d'outra raça. Cá em Portugal só fazem jogo franco... os *desqualificados!* Esses, sim! Mas Dantas não é um *desqualificado*. Pelo contrario, é o symbolo da honra... redemptora! Portanto, elle não se declarou republicano. Bayard portuguez não dá esse passo. Pede as barbas ao Julio de Moura, ao Julinho de Moura, e, como Boulanger, novo Boulanger, desata... a conspirar. E se o ministro do reino lhe pozer os bufos na cola, paga o *endosse* o Venceslau...

Lembram-se do que elle fez ao sr. José Luciano? Ou ao sr. Eduardo José Coelho? Já não nos lembra quem era então o ministro do reino. Mas o homem—agora já não ha de falar tão grosso—intimou imperiosamente o ministro do reino a declarar-lhe se tinha praticado a ignominia de pôr bufos na cola *d'um general.*

Que ignominia! Um honrado general do exercito portuguez, collaborador do *Cornetim*, camarada do Margarido, parceiro do Derouet, compadre do Ribas d'Avellar... com bufos na cola! E o ministro do reino — ó Offenbach, que não conheceste Portugal! — e o ministro do reino, em vez de o mandar, rapidamente, áquella parte... deu-lhe, humildemente, satisfações. E' que senão... ia porrada!

O' Offenbach, que não conheceste Portugal!

Agora não sabemos o que succederá! Mas, ou Venceslau deixa em paz o nosso Dantas com as historicas barbas do Julio... ou Venceslau arrisca-se a pagar o *endosse*.

De qualquer forma... a monarchia tem tubarão pela proa. A republica tem homem ao leme. E a monarchia... tubarão pela proa!

E todas estas perturbações poz n'um paiz... um *desqualificado!*

Já estava isto escripto e composto, sem tenção de dizermos mais nada, quando nos chegou a noticia de que se tinha queixado ao ministerio da guerra... o famoso Dantas Borracho.

O grande miseravel!

Até onde pode descer um miseravel!

E' perfeitamente a continuação da obra, em que o miseravel collaborou, do bandido Affonso Costa.

Reparem os leitores na ultima transcripção dos artigos em tempo publicados no *Povo de Aveiro*, transcripção que hoje fazemos sob a epigraphe geral *Impagaveis maduros e impagaveis malandros*. Estavamos longe de suppor que nos serviria para este effeito essa transcripção. Pois serve. Veio a talho de foice, afinal. E' o ultimo artigo hoje transcripto. E' o ultimo. O que foi publicado em 10 de janeiro de 1907. Foi esse artigo que deu origem á questão Affonso Costa.

Leiam-no. E verá quem o ler que é um artigo perfeitamente, puramente doutrinario. Em que sustentamos a melhor e mais pura doutrina democratica. Em que ha rigor de critica, mas em que não ha injurias para ninguem. Pois foi esse artigo que deu logar á questão Affonso Costa.

A alma de serpente, a alma venenosa do santo canalha que dá pelo nome de Bernardino Machado, tinha-se, a pouco e pouco, enchido d'odio contra nós. Por nada. Por coisa nenhuma. Simplesmente porque nos atreviamos a *critica-lo*. A censura-lo. Embora, como toda a gente verá nas transcripções citadas, em termos correctos, levantados. Cada artigo d'esses que vão transcriptos sob a epigraphe geral, já referida, *Impagaveis maduros e impagaveis malandros*, era uma punhalada n'aquelle odre de vaidade. Temendo-nos, o miseravel queria vêr se nos levava, por bons termos, boas palavras, deferencias, amabilidades, a abdicar. Mas na alma do canalha referviam odios e desejos de vingança. Oh, que Inquisição, que terrivel Inquisição, que medonha Bastilha não é esse partido republicano em Portugal! E falam em tyrannia, os miseraveis! Na tyrannia monarchica! Os miseraveis!

Nós causticavamos com mão dura os ridiculos do famoso Bombardino Rachado. Nós ousavamos divergir a cada passo da conducta da quadrilha partidaria. Nós mostravamos abertamente a nossa repugnancia pelos actos torpes e asnaticos dos bandalhos. Nós estigmatisavamos os processo criminosos seguidos com os franquistas desde o primeiro dia em que fora constituido o ministerio João Franco. Emfim, nós tinhamos um boccado de sinceridade, um boccado de juizo, um boccado de bom senso, algum amor aos principios democraticos e bastante independencia para affirmar a verdade. Não era preciso mais nada para que sobre a nossa cabeça se accumulasse o odio de toda, de *toda*, a grande, a famosa quadrilha, que, por suprema irrisão, supremo escarneo, supremo ultraje, se diz constituir em Portugal um partido... democratico! Um partido democratico! Suprema irrisão! Supremo ultraje!

Odiado desde os nossos vinte annos, por que logo n'essa edade accentuámos a nossa independencia na quadrilha politica mais tyrannica, mais inquisitorial que desde o advento do constitucionalismo tem surgido em Portugal, procnraram-se os meios, todos os meios, de nos reduzir á obediencia, á passividade. Quando se reconheceu essa impossibilidade, formou-se então uma conspiração geral para nos anniquilar.

Geral. Teve o seu quartel general no *Mundo*. O trama foi planeado no *Mundo* e entre a gente do *Mundo*. Mas a conspiração era de *toda* a quadrilha. Mas o odio era de *todos* os quadrilheiros. Sem excepção. Uma coisa geral. Como se viu. Todos elles, no incidente Affonso Costa, se denunciaram de forma a não deixar duvidas no espirito de ninguem. Todos elles!

A esse artigo de 10 de janeiro de 1907, tão correcto, tão são, tão democratico, seguiu-se uma resposta violenta, n'um jornaleco infame, orgão do pae do *Trinta*, um bandido da peor especie que toda a villa de Abrantes conhece e aborrece. Assignava esse artigo um outro bandido, um reles *gavroche*, escamador de besugos em Santa Izabel, um gatunoide, um trocatintas, hoje o protogonista da nossa secção *A Grande Quadrilha*. O tal Luizinho, o Derouet. Nós replicámos no *Povo de Aveiro*, em meia columna do nosso antigo formato. Rindo. Sem dar importancia ao pifio *gavroche*.

Immediatamente, appareceu o *Mundo*. Ao jornaleca d'Abrantes substituia-se o *Mundo*. Derouet passava a escrever no orgão do *Trinta pae*. E no orgão da *Margarida das Flores*. Atraz do Derouet veio o rufião do Margarido. E atraz do rufião do Margarido veio o ladrão do Affonso Costa.

Era uma verdadeira conspiração. Planeada previamente no *Mundo* e entre toda a canalha do *Mundo*. Em que entrava, por conseguinte, desde Bombardino Rachado até Dantas Borracho.

Os leitores verão no numero seguinte donde vinha o odio do Dantas Borracho. Tudo isso ha de ficar esclarecido e documentado.

E' claro que não se nos revelou immediatamente a infamia do Rachado. Não vimos a vileza d'esse homem, toda a perfidia, toda a canalhice, toda a baixeza que se lhe albergava na alma de lodo senão depois da celebre sentença do directorio.

O que se seguiu, sabe-se. *Ninguem se queria desaffrontar*. O que se queria, simplesmente, era... *inutilisar um homem que incommodava*. Mais nada. Affonso Costa, julgando-se injuriado, não nos procurava para se desforçar, e nem sequer nos reptava. Injuriava-nos tambem. Elle não era obrigado a procurar-nos. Mas nós eramos obrigado a procura-lo! Elle não era obrigado a mandar-nos desafiar para duello, porque nós... *não acceitavamos duellos*. Mas nós, *que não acceitavamos duellos*, é que eramos obrigado... a manda-lo desafiar para duello. Tal era a moral da quadrilha! Fomos coagido pela nossa situação militar, não havia outro remedio, a procura-lo. Mas Bernardino preveniu a policia de Lisboa. Como livrar-nos d'ella, com cinco dias de licença para estar na capital, n'um caso que não admittia delongas, n'um meio em que não era facil encontrar a sós o bandido Affonso Costa, sempre cercado de gente e sempre a correr d'automovel? Ainda coagido pela situação militar, acceitavamos por fim o duello. Mas Bernardino acudia que não era preciso, que tudo se arranjaria n'um tribunal de honra, que era o processo *democratico!*

Uma verdadeira traição, uma completa infamia, uma repugnante cilada.

Agora... é a conclusão. Dantas Borracho não se sentiu offendido, nem podia sentir, com os artigos de caracter geral em que fizemos referencias ao seu nome como homem publico, como politico, e por actos de caracter politico. E tanto, que não se queixou por elles ao ministerio da guerra. Não se sentindo offendido, dirigiu-nos, comtudo, os mais baixos, os mais grosseiros insultos. Respondemos-lhe. Elle não vem por ahi acima com um chicote. Elle, o valentão! Denuncia a resposta ao ministro da guerra e pede para nós... castigo immediato.

Comtudo: só um recurso digno restava a esse homem: procurar-nos com uma bengala ou com um chicote. Eramos *desqualificado?* Então não terçava, comnosco armas na imprensa. Se as não terçava n'outra parte, tambem as não terçava na imprensa. Ou não nos respondia, logo ás primeiras referencias de caracter geral que lhe fizemos, ou *desprezava-nos*, ou, a sentir-se offendido *como militar*, era antes de nos dizer na imprensa uma palavra, e sem nos dirigir, em qualquer altura, uma palavra, que recorria á intervenção do ministerio da guerra.

Não o fez desde logo? Replicou na imprensa e replicou com as ultimas injurias? O caminho do ministerio da guerra estava-lhe, desde esse instante, de mais e mais não se tratando d'actos de serviço nem de coisa que de perto ou de longe com elle se relacionasse, de mais a mais tratando-se de um homem que era jornalista antes de ser official, que, como official era *official reformado*, e violentamente, reformado desde esse instante, repetimos, o caminho do ministerio estava-lhe vedado. Decorosamente, dignamente vedado. Tudo podia fazer. Menos, honradamente, recorrer ao ministerio da guerra.

Esse homem, que n'um caso tão especial, e que não tem nenhum caracter militar, usa da superioridade dos seus galões, é um covarde. O valentão degenerou n'um covarde. Esse homem é um canalha.

Esse homem é desprezivel. Verdadeira alma de guardador de chocas, de villão, como dissemos.

Escreve-nos alguem de Lisboa a participar-nos que o miseravel se gaba de ter escripto ao presidente do conselho a dizer-lhe que o tornava connivente comnosco no acto por nós praticado. Como esse presidente do conselho, que sabe bem, melhor do que ninguem, se nos paga ou não como agente da monarchia ou crocodilo da policia secreta, se tem ou não entendimentos comnosco, muitos ou poucos, como esse presidente do conselho, se fosse um homem, se apressaria a dar-lho com a carta na cara! Como toda essa gente da policia, que conhece todos os meandros da infamia, e que sabe por isso, muito bem, se alguma vez por lá nos viu perdido a praticar indignidades, se a nossa attitude é ou não filha do temperamento d'independencia e de verdade com que a natureza nos dotou, como essa gente toda deve ter desprezo por o grande miseravel!

Grande miseravel!

Villão!

E' o que temos a dizer. Nada mais. Em conselho de guerra, em qualquer parte, só teremos que ratificar, repetindo bem alto:

Se n'este paiz houvesse justiça, os mais elementares principios de justiça, quem estaria ha muitos annos reformado por **incapacidade moral** *seria aquelle que ascendeu aos mais altos postos do exercito com o nome de Dantas Baracho.*

Se no exercito houvesse o menor espirito de disciplina, quem estaria de ha muito castigado disciplinarmente seria o grosseirão, o valentão de feira, o bailão do Ribatejo, que tem affrontado e injuriado publicamente, abertamente, descaradamente, ministros da guerra, ministros do reino, presidentes do conselho, todas as auctoridades, todos os seus superiores, todos os poderes constituidos, sem excepção do proprio rei.

Seria aquelle que n'este proprio instante, ao que se diz, escreve cartas insolentes ao presidente do conselho.

Seria aquelle que arrasta a sua espada pelo prostibulo do "Mundo„, o mais odioso e baixo dos prostibulos, que mancha a sua farda em contacto intimo com a mais criminosa e abjecta canalha da demagogia desenfreada, seria o companheiro do Margarido, o collega do Affonso Costa, o compadre do Derouet, o homem do pião de dois bicos, de duas caras, o que é, ao mesmo tempo, republicano e monarchico.

Esse homem é um villão!

Esse homem é um canalha!

E' o que se diz aqui, assumindo-se toda a responsabilidade.

E é o que se dirá, face a face, ás auctoridades militares que, porventura, tiverem de nos ouvir ou julgar.

Assumindo-se inteira e absoluta responsabilidade.

E agora:

Fartar, villanagem!

Fartar!

Seja esse, até ao fim, correspondendo a uma triste realidade, o grito assignalado em toda a historia d'esta patria desgraçada.

A grande quadrilha

Escrevem-nos:

Esqueceu-me dizer a V. na minha anterior que o Eugenio de Castro era professor em Coimbra, da Escola Industrial—Brotero.

Quanto ao Affonsinho Costa já no meu tempo (era elle alumno do 1.º anno de Direito, até era repetente por signal) se dizia que estava de hospede em casa de uma pobre senhora (não sei se casada ou viuva) que tinha uma filha e dizia-se mais que namorava a filha para não pagar á mãe. Commentava-se isto com nojo de todos. Já então era um cara estanhada e uma figura antipathica. Depois desabrochou.

Sobre esse tratante, enormissimo tratante, a mais caracteristica figura physica e moral do bandido que nos ultimos annos tem apparecido na politica portugueza, diremos em breve novas coisas. A chronica d'esse tratante é vasta. Vastissima.

Hoje passemos a outro malandro do *Cornetim da Margarida*.

O Derouet. O mariolão do Derouet.

Ora vejamos o que nos dizem n'esta carta:

Desejo ajudar V. na tarefa que se propoz de pôr a nú, a golpes do admiravel *knout* que se chama o *Povo d'Aveiro*, as miasellas d'essa horda de saltimbancos de feira provinciana que ahi anda illudindo a credulidade do povo estupido mas de boa fé. Não será muito difficil a V. indagar a verdade do que vou contar.

Trata-se do Derouet, do famoso Derouet, já celebre por muitos motivos e por mais os que passo a expôr.

Este figurão, insaciavel por dinheiro, este *austero democrata*, tem conseguido de ha muitos annos para cá, sugar á Caixa de Soccorros e Reformas do pessoal da Imprensa Nacional, onde exerce, nas horas vagas de secretario da redacção do *Mundo*, o cargo de revisor de 1.ª classe, uns poucos de centos de mil reis, de uma maneira verdadeiramente industriosa. Os revisores da Imprensa Nacional, como os chefes de secção, descontam para a Caixa a quantia de 5 0|0 dos seus vencimentos, dando-lhes isso direito quando doentes a receberem os ordenados na integra, durante tres mezes, findos os quaes passam a vencer apenas 320 reis por dia, como os operarios. Succede porém que o Luiz Derouet, que é *democrata*, e portanto creatura sem escrupulos, assim que vê approximar-se o tempo da baixa para os magros dezeseis vintens diarios pede alta dois ou tres dias antes de finalisar os tres mezes da *queijada* completa, indo para a Imprensa revisar durante 48 ou 72 horas, volvidas as quaes regressa á *parodia*, fingindo-se doente, para voltar a receber os 18 tostõesinhos, e indo tratar-se... para a redacção do *Mundo*, sem que o preoccupe que o vejam *flanando* fóra das horas de sahida prescriptas pelo medico. E isto dura ha annos, sr. Christo!

V. poderá obter os relatorios annuaes da Caixa de Soccorros da Imprensa, de 1903 para cá, e terá occasião de vêr que a maior sanguesuga dos dinheiros da Caixa é o famigerado sineiro de Santa Isabel. Elle agora está realmente enfermo. Cortaram-lhe um testiculo. Mas antes, sr. Homem Christo? Antes? E' um pavor! Este ladrão engravatado tem sido de uma crueldade revoltante, roubando a frio, calculadamente, o dinheiro de quatrocentas e tantas creaturas que compõem o pessoal operario da Imprensa Nacional.

Agora uma outra proeza do Luizinho. Este puritano das duzias conseguiu—por uma forma que põe bem em evidencia a sua moralidade de tartufo—obter licença para entrar na Imprensa Nacional ás 10 horas da manhã (duas horas depois da regulamentar) visto ter que perder a noite a secretariar no *Mundo*. Foi o caso que um operario qualquer, morador na Villa de Santo Antonio, foi d'ella expulso por ordem do conde de Burnay. O operario corre a queixar-se ao *Mundo* o qual ferra uma catanada tesa no conde, creatura que o dito jornal atacava ás cegas sempre que podia. Justamente n'essa occasião deu-se a vaga de secretario na redacção do papel do Borges. Nomeia-se o Derouet para esse logar com maquia grossa. Mas como havia o figurão exercer o novo cargo, se a sahida da redacção é tarde e a entrada na Imprensa é ás 8 da manhã? Pedir ao Deslandes não podia ser porque tempos antes elle tinha sido impiedosamente maltratado no *Mundo* pelo Derouet. Só uma coisa podia salvar a situação. A interferencia de outrem; pessoa valiosa, junto do administrador da Imprensa. Procurou-se essa pessoa e encontrou-se. Agora pasme, sr. Homem Christo, pasme! E d'ahi... não pasme, porque de um homem da força do Derouet tudo se espera, menos um acto digno. Sabe V. a quem o, hoje menino do côro, de Santa Isabel se dirigiu para conseguir a sua pretensão? Ao Burnay, sr. Homem Christo! por intermedio do Mello Breyner, e logo tudo se arranjou, tudo. O Derouet passou a entrar para o serviço official ás 10 horas ou 10 e meia da manhã, o fallecido administrador da Imprensa deixou de ser aggredido e o *Mundo* do Borges, do Trilho e de toda uma cafila de frequentadores de bordeis, ignobeis e devassos, fazia saber aos freguezes da sua mercearia que "melhor informado, sabia não ter sido do conhecimento do sr. conde de Burnay a expulsão da Villa de Santo Antonio do operario Fulano". E d'ahi por deante nunca mais o papel pardo do amante da *Engommadeira* maltratou o Burnay com a aspereza de outro tempo.

Indague V. sr. Christo, e rebente os lombos a esses patifes que estão comendo o povo, ludibriando-o desalmadamente. Indague, e terá mais uma vez occasião de prestar á verdadeira democracia um grande serviço.

P. S.—E que diz V. á questão entre os dois bacalhoeiros do *Mundo* e do *Seculo* a proposito do brinde dos coupons do segundo jornal? E o Cunha e Costa a falar da influencia que sobre nós exerce a mãe... e o pae? Aquillo é para de alguma maneira attenuar o effeito das lambadas que V. tem applicado ás suas *bellas qualidades de filho*. Estes typos julgam que todos são tolos...

O que estes typos não teem é vergonha nenhuma, meu caro. Nenhuma! Mesmo nenhuma! São tudo quanto ha de mais baixo, de mais reles, de mais vil. Nem ha adjectivos para os qualificar. Não ha! Pois é bem rica a lingua portugueza em adjectivos. E'. Mas está exgotada. Já não ha adjectivos que se possam applicar áquelles bandidos.

O descaramento, o espantoso descaramento com que o *Cornetim da Margarida* accusa todos os dois este e aquelle, principalmente os padres, de abandonarem os filhos! O espantoso descaramento!

E' o descaramento dos grilhetas. Para esses homens não ha senão um remedio: ou a Penitenciaria, ou a forca. Mais nada?

O malandrão do Derouet! O grande malandrão! Mas que covil, que grande covil que é o tal *Mundo*!

Antro de miseraveis.

Todos a mesma coisa, todos, desde o Derouet até ao Baracho.

Deixa, que o Baracho acertou.

Bom collega. E tem bons collegas. Sim senhor!

E pede-se ao correspondente, para terminar por hoje, o favor de nos arranjar então os taes relatorios a que se refere.

Liberalão

Dizem-nos de Lisboa:

O Dantas Baracho, quando commandou um regimento de cavallaria, n'um dos seus relatorios ao commandante da arma pediu a extincção da Escola regimental, porque na sua opinião só servia para os soldados, aprenderem a ler os jornaes republicanos!!!

Como n'esse tempo o miseravel sabujo do Paço desejava o povo ignorante para melhor ser explorado pela camarilha.

Liberalão hypocrita!

Do relatorio ao commandante da arma não sabiamos. Mas da sua má vontade á escola regimental, n'esse tempo, isto é, quando assumiu pela primeira vez o commando como coronel, sabiamos muito bem.

Muito bem! E sabem-no muitos officiaes dos que então serviam na guarnição de Lisboa.

Muito boa, essa da escola regimental só servir para os soldados aprenderem a ler... os jornaes republicanos!

Se é verdadeira, e deve ser, digo-lhe que é soberba.

Soberba!

Escola Industrial

Promettemos no domingo falar hoje sobre o augmento de disciplinas na Escola Industrial d'esta cidade. E cumprimos a promessa com muito prazer, por se tratar d'um melhoramento d'instrucção.

Em primeiro logar, é de toda a justiça registar os grandes serviços que n'esse caso prestou o sr. governador civil, conde d'Agueda. Muitos outros tem o sr. conde prestado a esta cidade. Muitos outros e de grande alcance. Nem toda a gente o tem louvado por elles, diga-se a verdade. E nós entramos n'esse numero. Por motivos differentes. Os outros por inveja, por facciosismo politico, por maledicencia. Aveiro nunca peccou pela gratidão. Os outros por isso. Nós por andarmos completamente affastados das facções locaes e não nos despertarem um grande interesse as questões d'Aveiro. Perdemos um dia o amor a isto, e quando perdemos o amor a alguma coisa, é para sempre. Mas, já que calhou agora falar-se n'isso, aproveitaremos a occasião para um acto de justiça, registando os grandes serviços prestados pelo sr. conde d'Agueda ao districto em geral, e a este concelho, em especial.

Teem sido, pois, muitos, os serviços prestados a Aveiro pelo sr. conde d'Agueda. Agora vem mais um, de caracter muito especial, e para nós o de maior agrado. Nem por ser mais um deixará o sr. conde de receber censuras ou criticas mal cabidas. Não se referia o *Progresso d'Aveiro*, na local para aqui transcripta no ultimo domingo, a uma d'essas criticas insidiosas ou de *má vontade*? Referia. Não sabemos quem foi o critico, porque não lemos a maior parte dos jornaes. Mas vê-se que já veio alguem, de má vontade, debicar no caso. Pois se até já um papelorio, ao que nos disseram esta semana, pois ignoravamos o caso, lançou a insidia de que a Escola Industrial d'Aveiro era reformada para ser dada uma cadeira ao director d'este jornal!

Apesar da nossa indifferença a estes latidos ás vezes dá-nos vontade de correr a pontapés estes garotos.

Francamente, dá-nos vontade de os correr a pontapés!

Ora ao sr. conde d'Agueda ha de succeder a mesma coisa. A garotada ainda por cima... o ha de injuriar. Nem por isso o governador civil d'este districto deixou de prestar um grande serviço á instrucção do paiz e ás classes operarias da cidade, tornando-se credor dos applausos geraes.

E' conhecida a nossa opinião sobre estas questões. Por demais conhecida. O paiz requer, para se levantar do estado d'abatimento em que se encontra, muita educação, E um dos grandes elementos da educação é a instrucção. Não basta a instrução, escusado é repeti-lo. Mas entra como elemento importantissimo na educação. E quando a instrucção não fosse elemento importante d'educação moral, era, sobre isso todos estão d'accordo, elemento indispensavel educação profissional.

Á Escola Fernando Caldeira estava reduzida á cadeira de desenho ornamental. Das cadeiras creadas pela ultima reforma das escolas industriaes faltavam-lhe as cadeiras de physica e chimica elementares, chimica industrial, principios de arithemetica e geometria, e portuguez. Faltava tambem a officina de ceramica, creada pela mesma reforma. Providas aquellas cadeiras e montada a officina ficariamos já com um nucleo regular d'instrucção popular. A camara municipal, por lembrança do sr. conde d'Agueda, pediu ao governo o pavimento d'aquellas cadeiras e ainda ao parlamento a creação das cadeiras de desenho architectonico, francez, escripturação commercial e geographia e historia. Bem assim mais duas officinas: de cordoaria e marceneria. O parlamento não satisfez os desejos da camara municipal, mas o governo incluiu no orçamento a verba precisa para o provimento immediato de duas cadeiras e para a montagem da officina de ceramica. E como como o orçamento foi approvado, vamos ter essa melhoria na nossa Escola Industrial.

Com um grande zelo e dedicação acompanhou o conde d'Agueda todos os incidentes do pedido da camara municipal d'Aveiro, sem o que, escusado é dize-lo, elle não teria sido attendido. Deve-se-lhe mais esse serviço, que tem um caracter essencialmente popular, que vae favorecer a instrucção do povo, sempre tão desprezada, e favorece-la não só immediatamente como preparar-lhe maiores progressos n'um futuro proximo. E' claro que ficou de pé o pedido das novas cadeiras, sob todos os pontos de vista importantissimas. E' muito importante

a cadeira de francez, não só sob o ponto de vista da instrucção geral como sob o ponto de vista de instrucção profissional, é muito importante a cadeira de portuguez, pois o povo precisa de limar o seu espirito, de o*amaciar* e o estudo da lingua nacional tem particular influencia n'esse sentido, é muito importante o estudo de geographia e historia, são só como instrucção geral mas tambem como instrucção profissional, pois o caixeiro viajante, sobretudo, o homem do commercio, precisade saber historia geral e historia commercial, e é muito importante, sob o ponto de vista industrial, o desenho architectonico. Ficou de pé o pedido de tudo isso, ficou de pé a idéa, e d'ella não se desistirá, a não ser que as classes trabalhadoras da cidade sejam tão estupidas que desatem aos *pontapés* a quem as favorece. Não quer isto dizer que vendam por essas conquistas a sua independencia. De modo algum. Quer dizer que se teem sempre obrigação de ser justas, pois a justiça impõe-se a todos os homens, independente de todos os favores, seria espantoso que para servir intrigas ou despeitos de facção aggredissem aggredindo aquelles que favorecem os seus interesses, ou permanecessem, pelo menos, indifferentes aos bons serviços prestados á sua causa em especial, e aos da cidade, e aos serviços prestados á civilisação em geral.

Pelo que nos toca, damos muitos applausos ao sr. conde d'Agueda e repetimo-los-hemos intensamente quando elle completar, como esperamos, e como lhe havemos de lembrar e pedir, a obra benemerita da reforma da *Escola Industrial*. Não é este um serviço de campanario. Não é, mesmo, um serviço de luxo á instrucção. Não ha aqui nenhum proposito de anichar afilhados, porque todas as cadeiras vão ser postas a concurso. Ha um verdadeiro e real servico á instrucção, e á instrucção das classes trabalhadoras, que são as que estão mais necessitadas.

Muitos e muitos applausos ao sr. conde d'Agueda, governador civil d'este districto.

UM PAPOILINHA

Lia-se hontem, em telegramma de Lisboa para o *Jornal de Noticias*, do Porto:

Não sei com que fundamento, dizia-se hoje que ia ser severamente castigado um official reformado que n'um semanario, que se publica n'uma terra da provincia, escrevera uns artigos em que é attingido um official de patente superior muito querido entre os elementares militares e civis.

Muito querido entre os elementos militares e civis, não é má!

Este é *papoilinha* apesar de correspondente d'um jornal regenerador. Donde se vê novamente que as quadrilhas politicas, monarchicas ou republicanas, se entendem todas ás mil maravilhas.

Termónocú

Eis a carta que nos enviou sua excellencia Termónocú, mui digno marechal do partido republicano, dignissimo presidente do centro republicano d'Aveiro, vice-presidente do partido n'esta localidade, partindo a vice-presidencia com Maduro, orador sagrado e consagrado em todas as reuniões democraticas da cidade, Villarinho, Sol Posto, Taboeira, Sarrazola, Cacia, etc., etc., etc.

En cou u ome qon begona i bose è u pola cen begona eu cou u ome urado bose ven u cabe quneseu a mina qumade du cAmPu grAnDe i a mina bida de pa deiru diga là qe na irlqesi uradanete nu tibe letas e purqe mi pa numisinou mascunessu as regas da saridade fiqe serta.

Nada mais se continha no documento. Vinha sem assignatura. Anonymo. Mas pela calligraphia e ortographia conhecemos immediatamente a paternidade. E' do excellentissimo Termónocú. Não haja a menor duvida a tal respeito.

Ora de toda essa ortographia do futuro, que parece ser a que o povo soberano manda adoptar em se convertendo em *sol nado* a *aurora da redempção*, só percebemos que o homem quer provar que foi sempre serio, immaculado, honrado, e que apresenta como provas uma certa comadre e a sua vida d'industrial de panificação. Pois verdade e justiça acima de tudo. Creìa que lhe havemos de fazer justiça e que havemos de esclarecer tudo, como sempre, com a verdade. Vamos pedir informações. Como industrial é facil obte-las. E' d'hontem, por assim dizer, a celebre negociata das padarias de Lisboa. Da comadre não temos grande idéa nem sabemos que luz ella possa lançar sobre a vida do immaculado cidadão. Mas, emfim, averiguaremos.. Vamos averiguar. O tempo que levarão as averiguações não sabemos. Temos muito em que pensar e andamos n'uma vida afadigosa que não nos deixa tempo para tudo. No emtanto, se o illustre cidadão reclamar pressa, isso vem depressa. Fazemos esse sacrificio para o obsequiar. Mais talvez então se fique percebendo porque é que sua excellencia é tanto mais amigo de Affonso Costa e outros cavalheiros quanto mais se prova que os cavalheiros... são malandros. Estamos desconfiando — começâmos a desconfiar — que todos estes *cidadões*, termós e não termós, são immaculados e honrados pelo... mesmo processo. Começâmos a desconfiar. Não o damos como certo. Deus nos livre de fazer uma injustiça. Vamos averiguar e depois falaremos. Mas, que diabo, começâmos a... desconfiar!

Se elles enriqueceram todos pelo mesmo processo e subiram todos á *immaculabilidade* pela mesma escada, digo-lhes que é uma... dos diabos!

De resto, e em resposta á observação que nos fazem de que sua excellencia Termó parece um urso a urrar contra nós, diremos que temos muito mais medo dos homens — sem lhes termos grande medo ainda assim — que dos ursos. A gente atira a uma fera — é toda a gente assim — com muito mais facilidade, isto é, com muito menos hesitação e escrupulo, do que atira a um homem.

Quem atravessa um campo de feras, como nós, anda preparado para tudo.

Correios

Continua cada vez mais atrevida a furia demagogica dos correios. Já não ha duvida nenhuma: quem for suspeito de *thalassa*, de *clerical*, ou, por qualquer fórma, de pouco amigo da quadrilha republicana, soffre uma guerra implacavel do elemento demagogico dos correios.

Isto representa uma grande pouca vergonha. A ella se referiram já o *Diario Illustrado* e o *Portugal*. Mas importa não largar o assumpto de mão. Isto é muito serio e não se pode aturar de forma nenhuma. Isto é um verdadeiro paiz de barbaros. Isto denuncia mais uma vez o cahos, a anarchia em que anda tudo.

Que grande anarchia! Que grande pouca vergonha!

Já contámos o que se deu com um nosso assignante de Braga. Pois temos outro caso identico na mesma cidade.

Um sacerdote respeitavel pede d'aquella cidade o jornal. Dias depois vae o recibo. Regressa o recibo com esta nota, no verso: *Diz que devolveu, que não quer tal jornal*. Consultado o assignante, nem em Braga estava, quando lá chegou o recibo!

Dos arredores da Figueira, escrevem-nos um assignante:

Rogo-lhe a fineza de me enviar o ultimo n.º do *Povo de Aveiro* que não se dignou chegar ás minhas mãos; e bem assim lhe peço que tenha sempre a certeza absoluta de que o seu muito lido jornal me é enviado porque preciso castigar um ladrão de cartas e jornaes.

De vez em quando apparece-nos um jornal devolvido com a nota: *recuzado*. Dias depois apparece um bilhete do destinatario a dizer: «Nunca mais recebi o *Povo de Aveiro*. Porque deixaram de m'o mandar?»

Eis um caso d'esses. Dá-se tambem com um assignante da Figueira da Foz. O assignante diz:

A'cerca dum mez que lhe escrevi a pedir-lhe o seu jornal e apenas recebi um só, e nunca mais appareceu nenhum, não sabendo quaes os motivos de não continuar a remetter-mo. Tenho desconfiança que alguem o suspendesse sem minha auctorisação. Espero se digne dizer-me o que ha a tal respeito.

Pois é claro, suspendeu-o alguem sem sua auctorisação. Quem havia de ser, senão algum *gravatinha* dos correios?

Outro. E' tambem de Braga. N'esse genero Braga é de primeira ordem.

Ha perto de um mez que lhe escrevi, pedindo-lhe para me enviar o "Povo de Aveiro„ porque desejava ser assignante, como ainda hoje desejo. Dá-se porem o caso de apenas até hoje, ter recebido um só numero do jornal, logo em seguida ao meu primeiro postal. E' possivel que tenha havido alguem que se intromettesse com o fim de eu não receber o jornal, pois d'outra forma, não comprehendo bem a interrupção do jornal.

Peço-lhe pois que tome as suas providencias, a fim de eu receber sempre o jornal e mais peço que me envie o ultimo jornal. Pode tambem enviar o recibo que satisfarei a sua importancia.

E assim por deante, e assim por deante.

Continuaremos.

Sinfães, 30-9-09.

... Sr. Director do
Povo d' Aveiro.

N'esta data envio ao administrador da "Voz Publica„ do Porto, a carta seguinte e de que peço a V. a inserção no seu muito lido e apreciado jornal, e de que tomo a responsabilidade.

Sou com subida consideração,
De V., etc.
Alfredo da Silva Pimenta.

—

Ill.mo e Ex.mo Sr. Director da «Voz Publica».

Tem o jornal de que V. Ex.a é director publicado umas correspondencias, datadas d'esta villa, em que eu e outros funccionarios publicos somos vilmente calumniados. E' natural que em mim exista o justo direito de me desforçar condignamente de taes infamias, mas é-me impossivel fazel-o.

E porquê? Porque cheguei ao conhecimento de que o seu auctor é um bandalho que tem exercido e exerce n'essa cidade a degradante profissão de gatuno e corrector de casas de prostituição.

E assim fica justificado o meu silencio.

De V. Ex.a
Att.o V.or
Alfredo da Silva Pimenta.

BORREGUINHOS

Como elles estão borreguinhos! Como elles estão mansos!

Vejam lá se o nosso remedio deu resultado ou não!

Não havia outro. Contra os governos tinham sempre o recurso de clamar: *o paiz é nosso*. E a verdade é que os governos nem sabiam, afinal, de quem era o paiz!

O paiz é nosso. O paiz estava calado e quem cala consente. *O paiz é nosso. Attentado! Violencia! Tyrannia!* Assim clamavam, furiosamente, nas gazetas. Assim berrava, furiosamente, echo das gazetas, a demagogia nas ruas. E os governos... acovardavam-se. Este é o caso: acovardavam-se!

Qual era o remedio? Falar o paiz. Mas falar nas ruas. Das gazetas ninguem faz caso. Falar o paiz, nas ruas. Oppor manifestação a manifestação, tapona a tapona. Assim se fez. Aconselhámo-lo e assim se fez. Eis ahi o resultado! Agora são os quadrilheiros da republica que se acovardam. Já são elles a falar *em paz*. A apregoar *processos pacificos*. A encolher-se. A *ter medo*,

Ora ainda bem. Ganha com isso o proprio partido republicano. Sob o cacete dos monarchicos ha de apprender a ser um partido d'ordem, de bom senso e de democracia.

Deem-lhe para baixo, que é um serviço nacional!

Deem-lhe para baixo!

Ultra-Malandro

Lê-se n'um papelorio de Beja, orgão da quadrilha local, *O Porvir*:

A todos os nossos correligionarios lembramos a conveniencia de auxiliarem com a compra de jornaes a agencia que está a cargo do professor do «Centro Escolar Aresta Branco».

Aproveitamos a occasião para tornar bem publico que, presentemente, nenhuma publicação republicana tem relações com o sr. Marcos Bentes.

A unica empreza republicana que ainda o não tinha despedido de agente era a do «Mundo» que lhe dirigiu ha dias a seguinte carta:

Lisboa, 6 de Setembro de 1909

Ill.mo Sr. Marcos Bentes

Beja

N'esta data foi suspensa a remessa dos exemplares do «Mundo» para V. S.a.

Devo explicar que o motivo d'esta resolução não é o facto de V. S.a ter ideias politicas differentes das do jornal que dirijo.

O «Mundo», que escolhe apenas correligionarios para seus correspondentes, pode ter relações commerciaes com agentes que sejam seus adversarios, sem a pretenção de lhes impor as suas opiniões, e por isso as teve muito tempo com V. S.a. Mas reclama logicamente que esses adversarios sejam leais e se sirvam de processos que não sujam.

Ora foi-me enviado hoje mesmo um numero da «Folha de Beja», jornal de V. S.a e n'elle vejo um artigo em que o seu auctor, discutindo com este jornal, se serve da auctoridade d'um miseravel que tem vivido e vive da profissão de calumniar gratuitamente em publico, republicanos, emquanto, na sua vida particular, commette torpezas que constam de depoimentos feitos na Boa-Hora.

Sendo V. S.a, como proprietario ou director d'esse jornal, responsavel pelo artigo que, nem por ser estupido e mal feito, deixa de mostrar os mais preversos sentimentos, falta absoluta de lealdade e desconhecimento de todas as noções de justiça, o jornal que eu dirijo não pode ter nenhuma especie de relações com V. S.a.

França Borges.

Ora vejam os leitores quantas vezes se tem affirmado, sem elle o contestar, porque não pode, que não ha documentos nenhuns na Boa-Hora, contra nós! Que não ha na Boa-Hora nenhuns depoimentos contra nós! E elle a insistir!

A insistir e ao mesmo tempo a reclamar que os *adversarios sejam leaes e se sirvam de processos que não sujem!*

Descaramento, impudor de prostituto nada mais.

Bem se vê que esteve por conta da Margarida das Flores.

Impagaveis maduros e impagaveis malandros

Continuam maduros e continuam malandros. Passa-se attestado de bom comportamento a Sicrano, no momento A? Serve-lhe para o momento B. C. e D. Que bella logica de malandros! Maduros. Mas malandros! Muito maduros? Mas tambem muito malandros!

D'essa fórma não ha crime. Porque o criminoso foi sempre muito boa pessoa até á hora... do seu primeiro crime.

Ou a gente ha de dizer mal dos individuos desde que nasceu, ou fica obrigado a dizer bem d'elles toda a vida.

E' a logica da quadrilha d'Aveiro. De toda ella! Já não ha excepções. E, assim como é a logica da infima quadrilha d'Aveiro, assim é a logica da grande quadrilha do paiz inteiro.

Que grandes maduros, que grandes malandros!

Sendo isto, á face da logica e da moral, incontestavel, todavia, como já temos demonstrado, nós nunca *loubámos ninguem*, nem incondicionalmente, nem exaggeradamente. Sabem-no todos quantos nos conhecem e quantos teem lido o *Povo de Aveiro*.

Agora apparece em scena Bombardino Rachado. Que louvámos o Affonso Costa. Já dissémos em que circumstancias e de que modo o louvámos, bem differentes d'aquellas dos quadrilheiros de Vizeu, que, tendo-o louvado, tendo-o depois, estigmatisado, voltaram de novo a louva-lo. A louva-lo? A santifica-lo.

Que louvámos o *Mundo*. Já dissemos em que circumstancias e de que forma o louvámos.

Agora, que louvámos o Bombardino Rachado. Ora vão ver em que circumstancias e de que fórma louvámos o Bombardino Rachado. E' um pouco longo, mas muito instructivo. Tenham paciencia e leiam. Leiam, leiam. Todos os homens serios d'este paiz precisam muito, e muito, de conhecer a fundo a historia da grande quadrilha republiqueira.

Leiam, leiam. Elles não nos dirigem uma accusação precisa. Elles não respondem ás accusações que lhes dirigimos. Elles não esclarecem nada. Mas nós tudo precisamos, tudo explicamos, tudo esclarecemos. Ninguem escreve mais claro do que nós.

Ora ouçam.

Foi no principio de novembro de 1903 que Bombardino Rachado, n'uma conferencia feita em Lisboa no *Atheneu Commercial*, se declarou republicano. Louvámos o seu acto, é claro. Já conheciamos o homem, tinhamos com elle relações pessoaes, embora de recente data, tinhamo-lo em boa conta, portanto não havia motivo nenhum para que deixassemos de o louvar. Mas logo n'esse mez de novembro, no *Povo de Aveiro*, de 29, dissémos:

Outra coisa: não passem tanto pela fieira o diabo da rhetorica. Deixem o diabo da rhetorica. Deixem o malfadado romantismo. O mundo já não vae com isso. Dêem um salto para se approximarem do mundo moderno.

Deixem os *patriarchas*. Dizer mal dos *patriarchas* seria feio. Mas accender velas aos *patriarchas* tambem é uma dos demonios. Os *patriarchas* tiveram o seu tempo. Agora estão como o Santo Antoninho: já não fazem milagres.

Quem vae, vae. Quem fica, fica. O sr. Bernardino Machado, por exemplo, enaltece muito os processos de José Elias Garcia. E' uma opinião muito respeitavel. Mas a verdade é que esses processos nem serviram, nem servem. José Elias Garcia tinha grandes qualidades pessoaes. Nega-las seria estupidez. Mas quiz fazer politica monarchica dentro do partido republicano. Cercado de corruptos, quiz alimentar esses corruptos pelos processos porque os monarchicos alimentavam os seus. Ora se os processos monarchicos teem matado a monarchia com muito mais razão hão de matar a republica. D'esses processos resultou o descredito profundo do republicanismo portuguez.

O municipio de Lisboa, onde o sr. Bernardino Machado vê monumentos de gloria para José Elias, tem sido, precisamente, a grilheta do partido republicano portuguez.

Sem falar no grande desastre do 31 de janeiro, ao qual está ligada, tambem, intimamente, a responsabilidade do fallecido chefe.

Não quer isto dizer que se não honrem as virtudes pessoaes, os serviços e os meritos, de José Elias Garcia. Mas fazer apologia de escolas, e processos passados, no partido republicano, n'este momento em que, tão periclitante como elle está, pretendem uni-lo e consolida-lo, parece-nos erro muito grave.

Ainda não ia passado um mez sobre a adhesão de Bernardino á republica e já nós abertamente accentuavamos a nossa divergencia. Sempre dando conselhos atilados, sempre moralisando, sempre mantendo a nossa absoluta independencia.

Em janeiro seguinte Bombardino foi ao Porto fazer outra conferencia. Nós viamos já o maluco na corrente do *pagode*. Nós viamos já o maluco a estragar tudo. Nós viamos já que o maluco era um novo desastre para o partido republicano. E, dando-lhe uma no cravo e outra na ferradura, habilmente, habilidade que não percebem *maduros nem margaridos*, essa escoria reles do jornalismo, diziamos no *Povo d'Aveiro* de 31:

Foi verdadeiramente notavel, por todos os titulos, a conferencia realisada no Porto pelo sr. Bernardino Machado. O illustre cathedratico está prestando relevantes serviços á causa democratica e fazendo por ella o que se não fazia ha muito tempo.

Não queremos dizer com isto que o partido republicano vá surgir forte e poderoso de um dia para o outro. Infelizmente, não succederá isso, porque não está na mão de nenhum homem, por maior que seja o seu talento e esforço, alterar o curso e a força dos acontecimentos. Não succederá isso, e oxalá, até, que o partido republicano não faça ao sr. Bernardino Machado aquillo que tem feito a outros, e de que já vão apparecendo alarmantes symptomas: gasta-lo, com a mesma rapidez com que o idolatrou.

No partido republicano, mesmo entre aquelles que são mais cotados, ha pouquissimos homens com faculdades politicas. Pouquissimos! E', pois de recear que os nossos romanticos não vejam que ainda não bateu a hora, embora se deva, habilmente, trabalhar por ella, da organisação de um forte e poderoso partido republicano, que essa organisação ha de ser lenta, demorada, e que querer precipita-la é gastar energias sem resultado pratico nenhum.

Poupem os homens de incontestavel valor, como o sr. Bernardino Machado. Não lhe peçam conferencias de todos os cantos do paiz e a proposito de tudo. Porque ou o illustre cathedratico rejeita, e isso ser-lhe-ha doloroso, ou vae, e, depois de estar farto de percorrer o paiz, o resultado não será correspondente ao esforço, e todos cahirão de novo no desanimo do costume.

Porque em Portugal, é assim. Ou republica em pouco tempo, ou nada.

Dizemos isto em bem da causa democratica, e em obediencia ao velho principio de dizermos aquillo que sentimos, quer agrade, quer desagrade aos outros. De resto, façam o que quizerem, que para nós é o mesmo.

Bem clarinho, bem clarinho! Excepto para maduros, margaridos, termósnocú, isto é, bestas e malandros.

Em 7 de fevereiro, uma semana depois, escreviamos, a proposito da *grande ovação*, da grande e decantada ovação com que Bombardino havia sido recebido em Lisboa.

A recepção feita ao sr. dr. Bernardino Machado em Lisboa constituiu um verdadeiro acontecimento. Não nos devemos illudir com isso até ao ponto de julgar a republica prestes a triumphar. Quem se illude perde o tempo. Mas se os optimismos exaggerados prejudicam, não prejudicam menos os pessimismos por systema. E estaremos na verdade dizendo que a ovação feita na capital ao dr. Bernardino Machado indica que a opinião começa novamente a inclinar-se para os republicanos, e que os acolherá com decidida sympathia se elles se mostrarem, emfim, á altura do papel que na politica portugueza lhes está distribuido.

Elles que procedam agora com tacto e cautela, não se esquecendo da importancia extrema da sua nova tentativa. Se se desmancham outra vez, o que, aliás, é muito possivel, porque entre os republicanos ha muita rapaziada — até os velhos são meninos — está tudo perdido e perdido irremediavelmente.

Juizinho!

Até os velhos são meninos! Era bem clara a referencia a Bombardino. De resto, falando-lhes a voz da razão como sempre. Mas, decididamente, era *deitar perolas a porcos*.

Bombardino não fazia conferencia que não nos lesse previamente, e que não nos mandasse, a correr, depois de recitada, para no *Povo d'Aveiro* a publicarmos, como publicavam todas as gazetas do partido. Não nos lembra agora se o fizemos alguma vez. Mas parece-nos que não. Fugiamos sempre por tangentes, como esta, que sahiu no *Povo d'Aveiro* de 5 de junho de 1904:

Já quasi todos os artigos d'este semanario estavam compostos quando recebemos o supplemento da *Resistencia* com o extracto da conferencia realisada segunda feira ultima, em Coimbra, pelo eminente professor da Universidade, o sr. dr. Bernardino Machado.

Por esse motivo, e por ser muito longo o referido extracto, não o publicamos na integra, como era nosso desejo, em homenagem ao illustre conferente, embora não estejamos d'accordo com todas as affirmações feitas por s. ex.a

Embora não estejamos d'acordo com todas *as affirmações feitas por sua ex.a!*

Vejam como isto faz differença da garotice com que Maduro, esse excremento do jornalista, e Margarido, insinuam que cahiamos d'admiração deante do Rachado.

Mas isso não é nada em comparação com o que se vae seguir. Ora ouçam esta *bella tareia* que applicámos no mariola em 4 de setembro.

O sr. dr. Bernardino Machado acaba de fazer um notavel reclame a sua magestade el-rei D. Carlos, reclame que é habilmente aproveitado pelo *Dia*, pela *Epocha* e por muitos outros periodicos monarchicos. Deu volta á impreasa, pode-se dizer. E isso bastaria para demonstrar ao sr dr. Bernardino Machado o erro que commetteu, se tal demonstração fosse necessaria.

Para nós são inteiramente indifferentes as qualidades pessoaes de sua majestade. Não as affirmamos, nem as negamos. *Affirma-las-iamos, nega-las-iamos*, se um alto dever de justiça a isso nos obrigasse. Mas, por simples amabilidade ou lisonja, ou por simples grosseria, de forma nenhuma.

Os jornaes monarchicos enganam-se. E' grosseiro, sem duvida, injuriar o rei, como é grosseiro injuriar seja quem for. D'accordo. Achamos incorrecto esse procedimento. Mas não é menos incorrecto render, espontaneamente, louvaminhas, ou mesmo homenagens superfluas, desnecessarias ou inopportunas, aos nossos mais qualificados e ardentes inimigos.

A correcção, a fidalguia, está n'uma reserva moderada e altiva.

Lamentamos muito que tenhamos, nós que não frequentamos os salões, de dar lições d'esta natureza aos que se teem na conta de fidalgos.

Ha tempos, el-rei mandou pezames a um republicano conhecido, pela morte de uma pessoa de familia. O republicano apressou-se a ir ao Paço agradecer. Foram ambos muito sinceros. Não temos duvida em o acreditar. Mas o publico ficou no direito de suppor que houve, de um lado, uma tentativa de corrupção, e, do outro, pouca firmeza em a repellir.

Pezames trocam-se entre amigos, ou, pelo menos, entre pessoas que manteem relações, entre pessoas que se entendem.

Quando o dr. Hygino de Souza falleceu, sua magestade a rainha manifestou a sua magua ao corpo docente da Escola Medica de Lisboa. Deu provas d'um bello coração. Mas nós, se fossemos rainha, hesitariamos muito antes de dar um passo de tal ordem, com mêdo do morto ser o primeiro a não gostar, se resuscitasse.

A maior honra, que póde caber a um combatente, é ser temido pelos seus adversarios. Mais vale ser odiado por elles, que amado. Ora, por mais sensivel, por mais nobre, por mais piedoso que seja o coração d'uma rainha, evidentemente não ha-de ser grande a mágua pela morte d'um homem que lhe quizesse em vida tirar o throno e aos seus filhos, dando-lhe, como complemento, o exilio, se esse homem fosse tido por ella na conta d'um adversario perigoso.

Ou, então, não foi sincera.

Em qualquer caso, ha motivo para reparos. Ou sua magestade não respeitou o seu proprio seatir, ou foi, sem necessidade, lançar uma duvida sobre a inteireza das opiniões politicas d'um homem que já não podia protestar.

Seja como fôr, o espectaculo era dissolvente, e nós precisamos, mais do que nunca, de fortalecer as almas.

Infelizmente, é d'esse genero o passo que acaba de dar o sr. Bernardino Machado. Em primeiro logar, não se percebe bem como é que o sr. Luiz Morote não recorre ao presidente do conselho, com o qual já tinha tido uma conferencia, para o encaminhar até ao rei, nem ao sr. João Franco, ou a outro qualquer dos chefes monarchicos das suas relações, e recorre a um chefe republicano, o mais incompetente, por todos os motivos, para missão tão delicada. Em segundo logar, não se percebe como o sr. dr. Bernardino Machado se não limita a transmittir, simplesmente, ao sr. conde do Arnoso, o pedido do sr. Luiz morote.

Dir-se-hia que o sr. Bernardino Machado cahiu n'um laço para a propaganda que os monarchicos já tinham em vista effectuar.

Fosse como fosse, o sr. Bernardino Machado esqueceu-se de que os seus correligionarios vivem n'um regimen de oppressão, n'um regimen que ha muito tempo poz de parte a liberdade e o direito, n'um regimen que considera o partido republicano um *partido illegal*, que assim o diz nos seus periodicos sem rebuço e que assim o trata, e que o rei, por mais altas que sejam as suas qualidades pessoaes, e por maior que seja a sua abstenção dos negocios do estado, abstenção que os monarchicos são os primeiros a negar, é o verdadeiro representante d'esse regimen perseguidor, intransigente, rancoroso.

Louvar o rei, ainda que o louvor seja merecido, é ferir legitimas susceptibilidades, é, queiram ou não queiram, engrandecer o regimen que elle personifica e synthetisa. Não sendo necessario, não sendo um louvor imposto por um alto dever de consciencia, além d'um erro politico indesculpavel é, sob todos os aspectos, um acto incorrecto, contra o qual não podemos deixar de protestar.

Temos a certeza de que a grande maioria do partido republicano está, a estas horas, pensando como nós, mas tambem estamos certo de que seremos nós o unico a protestar.

E' outro erro. Ninguem respeita, nem admira mais o sr. Bernardino Machado do que nós. Temos por s. ex.a a mais viva sympathia. Mas o partido republicano é um partido de opinião, e indispensavel se torna que, dentro d'elle, a opinião se manifeste.

Toda a gente é susceptivel de commetter erros. Para que o erro se corrija, para que não se repita, para que os proprios chefes saibam o caminho que hão de trilhar, é indispensavel que o partido, sem faltar ao respeito devido ás pessoas, diga, comtudo, alto e bom som, o que sente e o que deseja.

A abdicação, n'um partido democratico, é a sua morte. O silencio é a sua ignominia. Toda a gente, esse grande mundo que está fóra dos partidos, e que constitue a verdadeira opinião está no direito de tornar um partido inteiro solidario com os erros dos seus chefes, quando esse partido se calar.

O sr. Bernardino Machado já fez, n'outro dia, a apologia do culto catholico, por entre o silencio profundo de todo o partido republicano. Agora faz a apologia das qualidades pessoaes de sua majestade, ficando o partido republicano silencioso tambem. Razão tem *A Epocha* para perguntar, *com toda a gente sensata e livre de facciosismos partidarios*, como ella diz:

"Com tal rei e com taes republicanos ha motivo para se implantar a republica em Portugal?„

Em boa consciencia, em boa razão, em boa logica, a resposta só pode ser esta:

"Com taes republicanos não ha, effectivamente, motivo algum para se implantar a republica em Portugal.

Desculpem, senhores. Esta franqueza rude é de quem se não habituou a pisar salões, nem a subordinar o seu criterio a ninguem.

Desculpem, pois. Queiram ter a bondade de desculpar.

E Maduro bandalho e Margarido rufio a insinuarem, e a affirmarem, e com elles a quadrilha d'Aveiro, a ignobil e infima quadrilha d'Aveiro, e a grande quadrilha de toda a parte, que... cahiamos de admiração aos pés do Rachado!

Escravos, miseraveis, que teem a sorte que merecem.

Escravos! Miseraveis!

Podessem elles ter-se elevado á comprehensão da nossa obra e outro gallo lhes cantara. Mas quem nasceu para burro — é bem certo — não chega a cavallo.

Mas nós não cessavamos de dar conselhos atilados, de mostrar perigos, de falar a voz da razão e do bom senso, e de castigar ridiculos implacavelmente. Em 27 de novembro de 1901, continuavamos:

O *elogio* é uma das doenças indigenas. Elogio aos *nossos amigos*, aos nossos *bemfeitores*, aos da *nossa capellinha*, é claro. Para os outros, para os que não são partidarios ou compadres, para os que, por qualquer motivo, nos desagradam, descompostura furiosa, dentada e coice de burro bravo, calumnias de toda a casta, ou, pelo menos, o *silencio*, por mais que elles mereçam, por mais que elles valham.

Elogios retumbantes, redundantes, culminantes. Fumegantes, esbrazeantes, rutilantes. Mais *ingentes* que a trombeta castelhana, mais ardentes que o carro d'Elias ou a sarça de Moysés, mais resplandecentes que a aureola do Senhor, e mais altos que a escada de Jacob!

Doença indigena. Doença do jornalismo, em particular. Doença do jornalismo republicano, sobretudo.

Para exemplo, veja-se o que se tem passado com o sr. Bernardino Machado. Exemplo curiosissimo, d'alto valor psychologico. E' n'estes detalhes que se analysam bem os homens e as sociedades.

Fez ha pouco um anno que o sr. Bernardino Machado adheriu ao partido republicano. Calculando o que se iria passar, tivemos a curiosidade de assentar, na nossa agenda, a qualidade, e a quantidade, dos elogios atirados pelas folhas democraticas á cabeça do illustre professor. E tambem o numero de vezes que falaram no seu nome.

Note-se: as folhas democraticas que trocam com o *Povo de Aveiro*, e que não são todas as que se publicam no paiz. Só essas.

No fim de 365 dias contámos, e achámos isto. O nome do sr. Bernardino Machado foi citado, por essas folhas, 3:674 vezes. Mil cento e quarenta e cinco vezes lhe chamaram *luminoso talento*; 2:338, um *grande talento*; 147, *genio*; 2:191, *grandissima alma*; 188, *patriarcha*; 299, *santo*; 3001, *caracter immaculado*; 138, *homem de probidade transcendente*; 97, *intelligencia de lucidez etherea*; 1:617, *sabio*; 2:425, *patriota*; 2:314, *chefe de familia modelo*. Só 75 vezes lhe chamaram *illustre*, o mais modesto dos adjectivos.

A adjectivação foi mais variada ainda. Mas não vale a pena citar tudo. Diremos, apenas, que até 2 lhe chamaram *casto* e 5 lhe chamaram *pudico*.

Com a *oração de sapientia* o elogio e o reclamo excederam tudo. Já lá vae quasi mez e meio. E ainda a oração corre a imprensa! *Documento unico na moderna*

historia da psychologia portugueza; magistralissima lição: maravilha etherea; phenomeno assombroso; lembrança apostolica, recordação sagrada, oração olympica, etc. Um escreveu: "Não ha memoria, entre nós, de uma oração tão eloquente!„

Ora tudo isto é verdade. Mas tudo isto demonstra um povo imbecil. Seja qual fôr o aspecto, sob que se queira ver o caso.

Imaginem que Galileu, Newton, Dante, Cervantes ou Camões, surgiam agora do céo, ou do inferno. Que os montavam em carro d'oiro, com cherubins, d'azas abertas, a tocar cornetas na almofada. Que os punham a percorrer as praças publicas, precedidos de reis d'armas e arautos. Os arautos gritando: "Eis a Virtude, eis o Genio. Curvae a fronte, ó simples mortaes!„

Não ha duvida que no primeiro dia o espectaculo era de arromba, o effeito scenico empolgante. Mas ao quinto? Mas ao trigesimo? Ao quinto dia os *berzundelas* convidavam o sr. Camões, ou o sr. Newton, a beber dois decilitros na tasca da sua predilecção. O caracter divino estava morto. E ao trigesimo dia cobriam de troça os *immortaes*. No meio do riso e da indifferença de todo o mundo.

O primeiro effeito da *inconsciencia* dos nossos jornaes republicanos é esse. Quando julgam erguer nomes até ás nuvens, fazem-nos baixar até ao pó. Porque tudo quanto prova por excesso, deixa de provar.

O segundo effeito é dar, ao grande publico, a impressão de que o partido republicano é um partido tão miseravel, tão pobre, tão falto de talentos, tão mesquinho em homens, que foi preciso ir para lá o sr. Bernardino Machado para que, finalmente, tivesse *um homem*.

Não sendo isto assim, como não é, tendo o partido republicano homens de tanto talento e de tanto caracter como o sr. Bernardino Machado, e com mais serviços, muitos mais, á causa democratica do que elle, que, por falta de tempo e de occasião, os não poude ainda prestar, o terceiro effeito é melindrar esses homens, é desgosta-los, é leva-los a um retrahimento mais ou menos claro e patente, porque ninguem gosta de soffrer injustiças, nem de se vêr rebaixado sem motivo.

O quarto effeito é desgostar o proprio (1) sr Bernardino Machado, que tendo direito a todas as homenagens, merecendo todos os elogios, não ha de vêr, porém, com alegria, que lhe exaltem os seus meritos e virtudes a proposito e a desproposito de tudo, com manifesto prejuizo, porque póde chegar a duvida, á força de tanto reclamo, que parece reclamo encommendado, ao espirito de quem o não conheça.

Só um insignificante (2) adora o elogio bombastico, a adjectivação babosa, o exaggero ridiculo. Um homem de verdadeiro valor não gosta d'isso, embora lhe não desagrade, como a ninguem, o louvor merecido, mas sensato, mas commedido, e, sobretudo, opportuno.

De fórma que por amor ao bom senso, aos interesses partidarios, e ao bom nome do proprio sr. Bernardino Machado, que é, incontestavelmente, um dos melhores nomes do paiz, a imprensa republicana teria tudo a ganhar, e nada a perder, se moderasse a torneira da adjectivação elogiosa, não só em relação ao illustre professor da Universidade de Coimbra, como em relação a qualqer outro.

Miseraveis! Miseraveis! Escravos! O' infima e ignobil quadrilha d'Aveiro! O' grande e infamissima quadrilha de todo o paiz! O' maduros! O' margaridos! O' pulhas, que nunca nos comprehendestes, que nunca estivestes á altura da nossa obra d'educação, de constante, de persistente educação democratica, da nossa obra de verdade, da nossa obra de justiça!

O' miseraveis, ó pulhas, ó imbecis, que ainda vos atreveis a dizer que não somos *sinceros*, porque tendo *exaltado* Bombardino agora o estigmatisamos!

Miseraveis! Canalhas! Escravos! Imbecis!

Mas vamos ao resto.

Em 10 de janeiro de 1907, escreviamos:

O sr. dr. Bernardino Machado defendia no Porto, ha quinze ou vinte dias, a necessidade d'uma religião republicana, aconselhando a idolatria dos santos d'essa nova religião.

Não concordamos, e cumpre-nos declara-lo aqui a bem dos interesses da democracia portugueza. Não concordamos, e forçoso é dize-lo, para chamar sobre esse ponto, que é grave, a attenção de tantos que acceitam as mais perigosas doutrinas porque a sua preguiça intellectual não os deixa pensar por si proprios sobre as coisas que se dizem e se escrevem. Não concordamos, e affirmando-o bem alto não fazemos mais do que manter-nos fiel aos principios sustentados em toda a nossa vida jornalistica e ratificados aqui ha bem pouco ainda ao referirmo-nos á creação d'um novo centro republicano. Não concordamos, e não extranhe a idolatria que o digamos tratando-se do sr. Bernardino Machado, que a toda a hora é para comnosco da mais captivante amabilidade, da mais penhorante deferencia. A idolatria—e eis já um dos defeitos da religião— não comprehende, não admitte que se discorde nunca da opinião d'um santo, sobretudo quando elle é amavel com o simples mortal. Ora nós, quando se trata de pessoas de tão elevado caracter, de tão preclara intelligencia, de tão primorosa educação como o sr. dr. Bernardino Machado correspondemos a essas amabilidades e deferencias todas com um profundo affecto. Quando se trata de pessoas grosseiras correspondemos com um casal de perús e um lombo de porco pelo natal, ou com um presunto na paschoa. Mas guardamos para nós, intactos, os nossos principios, as nossas opiniões, e a liberdade ampla de as manifestar.

A amabilidades pessoaes, a favores, corresponde-se com amabilidades e favores. Nunca com o sacrificio da idéa, com o sacrificio da opinião, com o estrangulamento do pensamento e do direito de o manifestar. Bem sabemos quanto isso é contrario ao evangelho religioso. Mas por isso, e muito mais, nós somos adversarios irreductiveis de todas as religiões. Irreductiveis. Todas as religiões são profundamente attentatorias da dignidade humana e nós pomos acima de tudo, bem temperada com a virtude, a dignidade do homem. Ora não ha nada mais indigno, para quem faz o favor, do que exigir em troca a abdicação do pensamento e do direito de nobremente o manifestar. E não ha nada mais indigno, para quem o recebeu, do que curvar-se reverente a essa humilhação. Fóra, pois, com essa mentira religiosa, com essa degradação social.

Se a idolatria é má em todas as religiões, é detestavel perante a democracia que é contraria a todos os cultos e todos os dogmas. E prejudicialissima ao partido republicano portuguez, onde sempre se exerceu e está exercendo por processos inadmissiveis no proprio catholicismo.

Como já se disse n'este semanario, Roma não proclama os seus santos senão depois de terem morrido. Mesmo assim, é indispensavel, suppomos, que os vermes hajam respeitado o morto no fundo da terra. Fórma-se um processo, manifesta-se sobre elle um tribunal, emfim, guardam-se, ao menos na apparencia, as formulas do decoro publico. No partido republicano portuguez nada d'isso succede. Meia duzia de individuos canonisam em Lisboa S. Botto Machado. Outros tantos canonisam no Porto S. Alfredo de Magalhães. Amanhã será canonisado S. Luiz Derouet. E assim por deante. Ora Deus nos livre de contestar as virtudes e mais partes de tao respeitaveis cavalheiros. O sr. Botto Machado é um verdadeiro gentilhomem. O sr. Luiz Derouet, dizem-nos, que não temos a honra de o conhecer a elle nem a nenhum dos tres citados cavalheiros, é um moço cheio de esperanças, com um livro já traduzido em francez, já louvado em periodicos da *extranja*, emfim dando esperanças, promettendo glorioso futuro por todos os lados e sob todos os aspectos. O sr. Alfredo de Magalhães é um medico talentoso. Ninguem o viu a quebrar montantes no partido republicano senão quando o sol surgiu de novo para esse partido. Mas, emfim, viva em todo o cheiro de santidade que elle queira e que os outros queiram. Simplesmente, esperem que elles morram, que ninguem está livre de escorregar e quebrar uma perna emquanto é vivo, e mesmo depois de mortos guardem o decoro que guarda o catholicismo. Formem processo e reunam a congregação antes de atirarem com o nome do santo á idolatria dos fieis.

E quando dizemos isto é para todos. E' para o sr. Bernardino Machado, é para o sr. Guerra Junqueiro, é para o sr. Thephilo Braga, é para o sr. Manuel d'Arriaga, quanto mais para o sr. Alfredo de Magalhães, para o sr. Botto Machado, e para o sr. Luiz Derouet que ainda não está canonisado, mas que nós já vemos despontar, nos céos da bemaventurança, montado n'uma nuvem d'oiro, guiada pela mão radiosa do sr. Bernardino Machado e com um cortejo da creaturas angelicaes agitando flamulas e berrando hosannas. Note-se, e serão coherentes creando mais esse ou outro novo santo. Se é santo o sr. Botto Machado porque não ha de ser santo o sr. Luiz Derouet, o sr. Meira e Souza, ou outro dos tantos respeitaveis cidadãos que abundam na parte joven do não muito velho ainda, antes frescalhote, partido republicano portuguez?

O perigo, o inconveniente, todo o inconveniente está exactamente n'esse facto de uns serem santos e outros não o serem. Ou todos ou nenhuns. Na nossa opinião não o deve ser nenhum. Mas se querem que haja santos, então sejam-no todos. D'outra forma já não ha religião, como pretende o sr. Bernardino Machado, mas *religiões dentro da religião*, mas *seitas*, mas *conventiculos, egrejinhas, capellinhas*, o que desgraçadamente tem havido e ha dentro do partido republicano, com gravissimo prejuizo da sua educação, da sua orientação e da sua força.

E' tal o attractivo d'esse espirito de seita que até aquelles que só querem fazer religião, como o sr. Bernardino Machado, não fazem afinal senão seita. Mais o sr. Bernardino Machado é uma intelligencia e um caracter. Mas todas as intelligencias e todos os caracteres succumbem perante os vicios innatos ás instituições. Se o vicio fundamental de todas as religiões é a intolerancia, o facciosismo, o compadrio, isto é, *o espirito de seita*, como ha de o sr. Bernardino Machado fugir ao vicio da nova religião, apezar de toda a nobreza do seu caracter e de toda a lucidez da sua intelligencia?

Ninguem affirma, nem póde affirmar, que não haja homens intelligentes e honrados dentro da monarchia. O que nós affirmamos é que nenhum d'esses homens póde dar ampla expansão á sua intelligencia e á sua honradez dentro d'instituições, que se tornaram incompativeis com o modo de ser das sociedades modernas. E a verdade é que mudando as sociedades, tambem muda com ellas a concepção da intelligencia e a concepção da honra. Ora o que succede com a monarchia succede com a religião, mesmo quando essa religião se chama *religião republicana*.

Quem reparar bem verá que não ha uma só conferencia realisada pelo sr. Bernardino Machado, em que o illustre professor não tenha uma palavra de referencia para o *Mundo*, o sr. França Borges, o sr. Affonso Costa, o sr. João Chagas, ou outro dos amigos intimos do grupo representado na imprensa pelo *Mundo*. Referencias do coração, carinhos, palavras d'alma. Mas raramente, ou nunca, dispensa uma homenagem á *Lucta*, ao sr. João de Menezes, ao sr. Brito Camacho, e até, em regra, ao sr. Antonio José d'Almeida. Proposito? Má vontade? Não, que é incapaz d'isso o sr. Bernardino Machado. Simplesmente *espirito de religião*, que importa, fatalmente e invariavelmente, *espirito de seita*.

O *Mundo*, a toda a hora, em cada linha, exalta o sr. Bernardino Machado, o sr. Affonso Costa, o sr. João Chagas. O sr. Affonso Costa figura de *grande parlamentar* em cada linha e entrelinha da gazeta republicana. Mas para o sr. João de Menezes, por exemplo, nem uma palavra. Espirito republicano? Espirito democrata? Não, que por espirito republicano ou por espirito democrata louva-se ou censura-se senão por egual, porque sempre é preciso contar um pouco com as fraquezas humanas, ao menos quasi por egual.

Será o sr. João de Menezes o ultimo dos parlamentares? Não. Senão é Jupiter, que Jupiter está no Olympo e deita cá para a terra muito poucos da sua raça, é um parlamentar illustre, um trabalhador, um homem muito honesto, que nunca quiz ser um advogado *feliz*, para não sahirmos agora d'este termo anodino, ou, por outra, porque não é agora a occasião de convertermos a penna em chicote.

Isto dito com a indepenpencia de que nos orgulhamos. Ainda n'outro dia censurámos o sr. João de Menezes, com azedume de sua senhoria—vá lá este tratamento para não o offendermos— e grande furia de varios seus apaniguados, alguns dos quaes eram aquelles da turbamulta partidaria, que nos devolveram o jornal, merecendo-nos aqui quatro valentes vergalhadas. Mas nem os azedumes do sr. João de Menezes, nem as furias dos seus apaniguados, nem os azedumes e furias d'outros, nem as blandicias e carinhos de todos, nos farão jamais fugir a esta regra de fazer justiça pelo processo que entendermos, mas justiça em todo o caso.

A toda a hora se fala em politica de principios e se condemna a politica de pessoas. N'outro dia quatro rapazolas, em Coimbra, cançados de rapar a toda a hora, á cata do bigode, a pennugem do beiço superior, a vêr se conseguiam parecer homens, quizeram, pois que o bigode não apparecia, parecer homens por outro processo. E fundaram um jornal republicano academico. Procurando o sr. Bernardino Machado, disse-lhes o eminente republicano: "Tudo politica de principios, nada politica de pessoas.„

Procurando-nos a nós tambem, dissémos-lhes: "Deulhes o sr. dr. Bernardino Machado um bello conselho, que os meninos, infelizmente, não perceberam. Isso quer dizer simplesmenfe: *estudem as suas lições e deixem-se por emquanto de jornaes*. De facto, se a significação do dicto fosse differente ficariam os meninos inhibidos de falar no sr. João Franco, no sr. Hintze Ribeiro, no sr. José Luciano, como o sr. dr. Bernardino Machado fala, e acrimoniosamente, a toda a hora. E os meninos não teriam quem lhes lêsse o jornal.„

Evidentissimo. As pessoas estão de tal fórma ligadas aos principios que tratar os principios sem tratar as pessoas é como que fazer comida sem tempero. Nem o diabo a póde tragar. Não é ahi que está o *busilis*. O *busilis* está na fórma de tratar as pessoas em relação aos principios. Perguntamos: e não será politica pessoal louvar, engrandecer os amigos e esquecer systematicamente os que não são amigos? Não será a fórma mais antipathica de atacar pessoas?

E', sim senhores, é. E' politica pessoalissima. E' a fórma menos nobre de desmerecer dos que não commungam na nossa egrejinha.

Resultado? O resultado é puxar cada um para a sua banda. E como puxa cada um para a sua banda, e como não ha meio da os levar todos a puxar certo, e como, ainda que tentem puxar certo, puxam sem *alma sem vontade, sem enthusiasmo*, o partido republicano nunca obtem os triumphos correspondentes á sua força.

Abaixo o espirito de religião, incompativel com todo o espirito de boa e sã democracia.

O odio, o odio, que Bernardino nos creou por causa d'estes artigos!

Como veremos em poucas linhas, para concluir, no numero immediato.

[1] Isto era prenhe d'ironia, isto era uma troça completa, como toda a gente percebia e percebe!

[2] Aqui a ironia passava a *charge*.

PROVINCIAS

Lagos, 27 de setembro de 1909

Meu caro Homem Christo.

Li ha poucos dias no jornal—"Povo d'Aveiro„—n.º 1324 de que tu és mui digno director e proprietario, uma local de Lagos na qual sou alvejado na qualidade de commandante militar e bem assim meu genro, tenente medico, director do hospital de Lagos.

Tenho empregado os esforços possiveis para descobrir o seu incognito auctor para lhe chicotear a cara, caso esse infame merecesse receber este favor meu, mas, como o vil canalha tem receio de assignar a calumnia que escreveu, vou rogar-te, confiado na nossa antiga amizade, a especial fineza de publicares no teu jornal a seguinte declaração:

Que tudo quanto o biltre diz na sua local é uma pura intriga, falsidade e infamia, pois que até as vendas que elle assegura serem minhas, mente, porque, possuo o predio composto d'altos e baixos, estando todo elle arrendado e as vendas pertencem aos seus arrendatarios e não a mim. Falsa é tambem a permanencia, ou entrada sequer, das praças da guarda n'aquellas vendas como bem provam as partes dos commandantes das guardas e dos sargentos de ronda.

O vil e nojento incognito que se descubra para que eu lhe possa applicar o merecido correctivo da sua vilania, se isso mesmo o merecer, a ponta do meu pé no fundo das suas costas...

Por esta publicação te ficará muito grato o teu antigo condiscipulo e velho amigo

Joaquim Candido Corrêa
major d'infanteria n.º 17.

Nós não conhecemos nada da vida de Lagos, onde o *Povo d'Aveiro*, comtudo, tem muitos leitores. Inteiramente alheado, hoje, de coisas e pessoas do exercito, nem sequer sabiamos quem era o commandante militar de Lagos, estando longe de suppor que seria um nosso antigo condiscipulo e companheiro da Escola do Exercito, com quem sempre mantivemos as melhores relações de amizade e camaradagem. D'outra forma, ou não publicariamos a correspondencia, visto não ser um d'aquelles casos em que não é permittido a um jornalista honrado prender-se com considerações de relações ou amizades pessoaes—quando a justiça e a verdade se impõem um jornalista é como um juiz— ou, pelo menos, não o fariamos sem ouvir o accusado.

Agora apparece como commandante militar de Lagos Joaquim Candido Corrêa. Que fazer-te, meu amigo, senão dar promptamente publicação ao teu desmentido e protesto? Mas como foste muito violento, não podes levar a mal, e d'isso já te avisara previamente, se dermos logar á réplica do correspondente. Sem uma palavra injuriosa para ti, se elle quizer manter o anonymato. Não sahiremos, então, do terreno dos factos. Pela forma compativel com a sua dignidade de homem, se elle quizer sahir do anonymato.

Mas estimarei muito, e d'isso não duvido, que appareça brilhante a verdade das tuas affirmações, tão cathegoricas e energicas.

H. C.

Vendas Novas.

Ha muitos annos que n'esta povoação não se fazia a festividade a Nossa Senhora da Conceição, festa a que n'outro tempo davam grande brilhantismo com a cooperação de todos os habitantes. Lembrou-se pois o actual parocho d'esta freguezia, a quem chamam Talassa, homem de fino trato e intelligencia superior, que por mais d'uma vez tem mostrado pugnar, como nenhum outro, pelo desenvolvimenro da terra em que ha poucos annos foi collocado, se, com o auxilio das principaes pessoas da localidade, conseguiria fazer reviver a antiga festa com o brilhantismo dos annos remotos.

Não querendo que houvesse politica, fez a commissão nomeada para tal fim os seus convites a todas as corporações e ao povo de Vendas Novas.

Pois querem saber o que se passou? Uma das philarmonicas — a *Triumpho*— foi expressamente prohibida de tomar parte nos festejos por terem caracter religioso e porque a mesma philarmonica é capitaneada por dois terriveis republicanos. anti-clericaes e livres pensadores—um pateta d'um padeiro, sem importancia nem educação, e um medico desequilibrado que rarissimas vezes está occupando o seu logar, com graves prejuizos para duas povoações, Vendas Novas e Cabrella, mas a quem a Camara de Montemór paga e não faz entrar nos eixos como lhe cumpre!

Por este facto, pois, houve divergencias entre os associados da philarmonica *Triumpho*, e muitos houve que mesmo republicanos, como se dizem, não deixaram de tomar parte nas festas que vieram trazer desenvolvimento ao commercio da sua terra; estes sim, que são republicanos como o devem ser e não uns tartufos como os outros quadrilheiros!

Até alguns dos cyclistas que estão filiados nas associações do livre pensamento e registo civil não quizeram tomar parte nas corridas, porque, como a festa tinha caracter religioso, tinham medo de ser expulsos das citadas associações!!! Que tartufos e que ignorantes!... Bem hajám os montemorenses que se dignaram vir em excursão pela sua nova via ferro-viaria assistir ás nossas festas dando assim uma nota alegre e desusada a esta florescente povoação.

No comboio de 6.ª-feira á noite, dia 26, chegou aqui a excellente philarmonica do Circulo Montemorense que era esperada n'esta estação pela philarmonica D. Carlos e por milhares de pessoas que com difficuldade se apinhavam em todo o recinto da estação, organisando-se uma *marche aux flambeaux* indo a mencionada philarmonica cumprimentar as duas sociedades musicaes, o digno reverendo Abreu, prior da freguezia, o digno Commandante da escola pratica d'artilheria, onde se tocou o hymno da Carta, ouvindo-se no final da sua execução uma voz que gritava: abaixo com tal hymno!...

Por aqui se vê de que força são a maior parte dos republicanos e livres pensadores por que d'outra gente não poderia sahir tamanha bestialidade!

Por fim seguiu a banda para casa do sr. regedor da freguezia, mas chegados ali, o bombeiro da philarmonica Triumpho, que por esquecimento ainda não tinhamos dito que sempre se resolveu á ultima hora ir á estação cumprir com os seus deveres de camaradagem, larga o bombo e acabou-se a musica Triumpho!

Que brilhante figura fez mais aquelle gravatinha!!!

Findo este acto, depois de grandes manifestações á philarmonica de Montemór, ao seu digno regente, ao Padre Abreu e aos promotores da festa, foi offerecida uma ceia aos philarmonicos que tão bizarramente se dignaram vir até aqui honrar-nos com a sua delicada visita. Um bravo pois ainda aos apreciados philarmonicos do Circulo Montemorense e ao seu digno regente, mestre Magalhães, que nos deliciaram n'essa noite com um explendido concerto no recinto do arraial que estava concorridissimo apezar de todos os obstaculos criados pelos livres pensadores.

Na 2.ª-feira 27, ao comboio da manhã foi a philarmonica do Circulo Montemorense acompanhada de muito povo, esperar o grupo do Commercio d'aquella villa, seguindo-se depois as cavalhadas, corridas de saccos e de bicycletas, tudo na melhor ordem e brilhantismo, e com grande semsaboria para os devotados livres pensadores que não poderam destruir a brilhante festa, ficará para a outra vez, cresçam e appareçam que por emquanto isto aqui ainda não é paiz conquistado pelos grandes... democratas.

E finalmente fecharam-se as festas com chave d.ouro—á noite retirou a philarmonica do Circulo Montemorense sendo acompanhada á estação por centenares de pessoas e até por muitas senhoras, dando uma nota alegre e de agradecimento áquelles bellos rapazes que nos vieram honrar com a sua visita.

Bem vindos sejam sempre os montemorenses e que não se arrependam.

VÁRIA

As galés e galerianos

A revista *Ja sais tout* publicava no seu ultimo numero um interessante artigo sobre os criminosos condemnados em França a trabalhos publicos, sobre os locaes destinados á sua residencia e sobre a vida que elles levam n'esses sitios.

Os forçados francezes vão para a Guyana e Nova Caledonia. São mettidos em gaiolas de ferro nos navios que os transportam, como se faz aos animaes ferozes. Nessas gaiolas desembocam tubos varios, que as inundam de vapor no caso de motins ou rebellião.

Assim que desembarcam os forçados entram em casas nuas e tristes, d'onde não sahem senão para trabalhos custosos e perigosos.

A Nova Caledonia não recebe forçados ha cinco ou seis annos. Ultimamente teem ido todos para a Guyana.

São tres as ilhas da Guyana franceza, as ilhas da *Salvação (du Salut)*: a famoaa ilha do Diabo onde esteve Dreyfus, e onde vive agora Ulmo, o official de marinha condemnado por traição; a ilha de S. José e a ilha Real.

A Guyana franceza é geralmente horrorosa, verdadeira terra de maldição. Arrotear, ahi, é morrer. *On dit qu'on y fume la terre avec sa peau.* Nuvens de mosquitos assaltam o operario. As serpentes venenosas abundam. *Les puces chiques* (acaro) *s'insinuent sous la peau; les fourmis rouges, dites "fourmis manioc„ sont avides de chair humaine.* Alem d'estes flagellos, a anemia dos paizes quentes e a dyseneria bastariam para tornar a região mortal ao trabalhador europeu.

Uma condemnação a vinte annos de trabalhos forçados é uma condemnação á morte. Os forçados sabem-no e por isso dizem no seu calão criminoso: *condamnés à faucher le pré à perpett ou seulement pour vingt beges, c'est kif-kif; la camarade les crève avant.* Quer dizer: *tanto faz ser condemnado a trabalhos publicos por toda a vida como por vinte annos; a morte chega antes do castigo findar.* De cada dez morre um todos os annos.

O ideal do forçado é fugir. Não pensa n'outra coisa desde que chega á Guyana. Dois pensamentos o absorvem: matar o guarda e fugir. Tem um odio axtraordinario aos guardas, ao gendarme, mas a fuga é difficilima. *S'évader des iles du Salut est presque impossible.* Por mar não ha meio. Como arranjar um barco, e um barco seguro, porque o mar alli é bravo, para se fazer ao largo? Como alcançar a nado um navio que passasse ao longe? Alem de não haver nadador capaz de vencer a distancia, os tubarões impediriam toda a tentativa n'esse sentido.

Pelo lado do rio Kourou as evasões não são mais faceis. A floresta que fica alem d'esse rio é medonha. Só de machado na mão se pode entrar n'ella. A febre e a fome, juntando-se aos embaraços naturaes, em breve inutilisariam o fugitivo. Do lado do Maroni as evasões são um pouco mais faceis, mas comtudo difficeis. Alem d'esse rio estar infestado de crocodilos, os hollandezes, que estão do outro lado, recebem muito mal os forçados. Teem uma policia especial para os vigiar e caçar, auxiliada pelos indios Bosch e Galibis, para os quaes a caça dos forçados é o mais apaixonado prazer. Todavia, ha exemplos d'evasões felizes.

Os francezes não teem por aquelles miseraveis *attenções nenhumas.* Bertillon, auctor do artigo, põe a seguinte questão: a sutura saggital ossificando-se muito cedo produz o crime? Fazendo-se mais tarde produz o genio? Borelli, apache marselhez, condemnado á morte por um assassinato depois de muitos crimes, tinha o craneo defeituoso, por motivo da sutura saggital se ter feito muito cedo. Blaise Pascal tinha ainda aos 39 annos distinctos as duas metades do osso frontal. Foi a essa tardia ossificação da sutura frontal que Pascal deveu o genio? Foi á ossificação prematura da sutura sugittal que Borelli deveu o crime? *Redoutable problème*, exclama Bertillou!

Lorsque nons honorons, comme nons le devons, l'auteur des *Provinciales* et des *Pensées*, aussi sublime par la profondeur de la pensée que par la noblesse du caractèr, est-ce simplesment à un accident pathalogique de sa fontanelle antéreure que nous rendons hommage? Quand nons vouons Borelli et ses parauils aux plusinfamants supplices, est-ce d'un autre accident pathologique de la même fontanelle que nous les promissons? Faut-il en conclure que notre admiration pour l'un est aussi peu raisonne que notre horreur pour l'autre, puis qu'ils ne sont pour rien dans l'ossification plus ou moins rapide de leurs sutures crâniennes? C'est une des plus troublants problèmes de la psychologie que nous soulevons ici: c'est le problème de la responsabilité humaine Depuis qu'elle sait écrire, l'humanité tourne et retourne cette question sans ponvoir la résoudre.

Mas a sua solução não tem nenhuma applicação pratica, diz o auctor do artigo.

Sous préteute qu'il avait (o assassino Prévost) une lésion cérébrale, irai-je me désoler sur sa condamnation? Je le ferais peut-être si la société avait pour but la vangeance; je lui reprocherais de s'être vengée d'un malade. Mais la vengeance satisfaction baue et stérile, n'est pas le but que poursuit la société. Elle veut simplement se défendre. Et pour se défendre, il n'ya rien de tel que d'effrayer le candidat crimniel quel que soit d'ailleurs l'état de son crâne.

Tal é o pensar ainda da grande maioria dos francezes. E por isso, pondo de parte todo o sentimentalismo, tratam os criminosos como bestas feras.

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 10 d'outubro proximo, pelas 11 horas da manhã e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, se ha de proceder á arrematação em hasta publica, a fim de ser entregue a quem maior lanço offerecer acima da quantia de 350$000 reis, conforme foi deliberado pelo conselho de familia no inventario orphanologico a que se procede por obito de Maria da Purificação, tambem conhecida por Maria de Jesus, viuva, moradora que foi na villa e freguezia d'Ilhavo, e em que é inventariante José Fernandes Panacho, filho da fallecida, solteiro, de maior edade, residente no mesmo logar, do seguinte predio: Uma casa assobradada, sita na rua Direita, da villa de Ilhavo. Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante. Pelo presente são citados quaesquer crédores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos querendo.

Aveiro, 15 de Setembro de 1909.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ferreira Dias.

O escrivão do 5.º officio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

O Povo de Aveiro

Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.

VENDAS NOVAS—Francisco Pinto Ferreira.

SETUBAL—Manuel Tavares.

ARRONCHES—Miguel Maria.

ESPINHO—Kiosque Reis.

MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.

VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85

CHAVES—Annibal de Barros.

VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.

MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.

MONTE ESTORIL—Gare.

S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.

FÁRO—Francisco Matheus Fernandes

EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21

CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.

VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.

CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.

REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais aprazivels da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]